

PEQUENOS ENSAIOS

POSITIVISTAS



PEQUENOS ENSAIOS

M. Lemos

POSITIVISTAS

POR

MIGUEL LEMOS

O nosso ideal politico—O ensino publico—A monarchia constitucional—As tres philosophias—A Escola Polytechnica, I, II, III, IV, V, VI, VII.—O nosso estado actual e a educação da mulher entre nós—Objecções e Respostas—Questão religiosa—Augusto Comte e o Positivismo—Philosophia do desespero.

RIO DE JANEIRO

BROWN & EVARISTO, EDITORES

23 Rua Nova do Ouvidor 28

1877



165.731

LHM

A

A. C.

Ao espirito superior que fixou em mim
a idéa, ao grande coração que fecundou em
mim o sentimento, dedico este livrinho.

Miquel Lemos

ADVERTENCIA

Este pequeno volume compõe-se de artigos meus publicados em diversos jornaes e revistas.

Não foi por vaidade, nem porque acreditasse que elles pudessem engrossar a corrente intellectual de meu paiz, que resolvi reunil-os aqui. Sei que elles nada valem e que não passam de exercicios de escriptor que começa.

Marcam elles, porém, um dos pontos iniciaes da propaganda, que nestes ultimos tempos se ha feito da philosophia positiva, desta nova doutrina fundada em 1826 por Augusto Comte, continuada depois por Littré, Robin, Wyruboff, etc., e que hoje promette avassallar todos os espiritos verdadeiramente ao nivel do seculo em que vivemos.

A circumstancia que fica apontada, e não outra, levou-me a fazer esta publicação. Estes pobres artigos só têm este valor: são documentos para a futura historia das origens do positivismo no Brazil.

Rio de Janeiro, 7 de Abril de 1877.

MIGUEL LEMOS

O NOSSO IDEAL POLITICO ^o

A *Idéa* é uma scintillação do cerebro da mocidade brasileira; o unico brilho que ostenta é o que lhe empresta a pureza das intenções e a sinceridade das crenças. São grandes os nossos estímulos: tudo quanto a natureza contém em si de grande e nobre; todas as manifestações humanas de sua existencia — amor, sciencia e liberdade—; todo esse santo culto da religião do ideal, todas essas harmonias intimas que soam deliciosamente ao ouvido quando este, fechando-se às impressões externas, se concentra no concerto das vozes da consciencia; emfim, todo esse poema que se chama — a mocidade — é a fonte de inspiração de nossas pennas. Não se nos negue este unico titulo á be-

(*) Este artigo e o seguinte foram escriptos quando eu não conhecia ainda as obras de Comte; são aqui incluídos porque assignalam já a tendencia positivista de meu espirito. O Nosso IDEAL POLITICO, como se deprehenderá de sua leitura, expunha, o programma politico da *Idéa* — revista de sciencias e lettras, que fundei em 1874 com meus distinctos amigos Teixeira de Souza e Pereira Simões.

nevolencia publica, este unico elemento de força com que nos apresentamos na liça.

A *Idéa*, forte pela pureza de sua origem e pelos altos intuitos que presidiram á sua elaboração, ousa affirmar tambem uma crença politica. Ao levantar esta bandeira no campo do jornalismo brasileiro, pretende ella ser a interprete da geração actual, e não revelaria completa e satisfactoriamente as aspirações de que se faz órgão, si esquecesse o grande objectivo da patria.

O amor da patria é a synthese sublime de todos os amores: ternura e respeito filiaes, vinculos sagrados da familia, contemplação da mulher amada, tudo se confunde naquelle grande sentimento.

Do amor da patria originou-se a politica. Tem esta por fim, baseando-se na observação da natureza humana, nos diversos e multiplos accidentes de que se faz acompanhar, no estudo das leis moraes que regem os seres intelligentes, concretisar em um systema os meios de conseguir a felicidade da nação. É pois a politica uma sciencia e das mais difficeis, quer se attenda á natureza dos estudos que lhe servem de alicerce, quer ás complicações e causas de erro que acarretam a paixão e o espirito de partido.

Actualmente duas são as escolas que se disputam a posse da verdade politica, o merito de con-

duzir os povos ao gozo pleno de seus direitos e ao exercicio rigoroso de seus deveres: o systema monarchico-constitucional e o republicano democratico.

Procurando conciliar dous principios antagonicos—a soberania popular e a autoridade regia—, propõe o primeiro a alliança do rei e do povo, trabalhando ambos de commum accordo para o bem geral. As successivas invasões do poder popular no territorio dos privilegios monarchicos, a pujança da torrente democratica que subia sempre obrigando os reis a recuarem, deram em resultado a existencia practica do facto constitucional. A violencia do movimento, porém, ameaçando destruir a propria entidade régia, obrigou os espiritos timoratos que não poderam comprehender o genio destas revoluções, á construcção da theoria do facto constitucional.

É porém de notar, que pretendendo esta theoria limitar extremamente a esphera de acção da corôa, suppõe no monarcha mortas as paixões e extinctos os estímulos humanos, ao ponto de exigir d'elle a indifferença do automato. Mas como a natureza humana sobrevive sempre a todos os systemas construidos sobre bases falsas, acontece que a monarchia constitucional foi e é irrealisavel, e desta impracticabilidade resulta a perenne grita de—governo pessoal.

O que racionalmente aqui deduzimos, comprova-o a experiencia dos paizes adiantados que ensaiaram esta fórma de governo.

Em França, a monarchia constitucional foi primeiramente ensaiada para salvar Luiz XVI e oppôr um dique á impetuosidade da grande Revolução. Sabe-se o resultado que obteve: a cnda revolucionaria assoberbou tudo e em vez da monarchia constitucional o mundo ouviu enlevado a *Declaração dos direitos do homem* e a constituição republicana de 1791.

Depois do despotismo do *soldado de genio* fez-se o segundo ensaio com a restauração de Luiz XVIII. Epocha sinistra, marcada pelas reinvidicações sanguinolentas dos amigos do *ancien regime* sobre os fautores do movimento revolucionario! Esteril reinado consumido em mascarar o absolutismo, em attentar contra as liberdades e garantias parlamentares!

Veio depois Carlos X, o ex-conde de Artois, o refugiado de Coblentz, em torno de quem se reunira a aristocracia franceza que mostrou ao estrangeiro o caminho da patria. Carlos X era o *ancien regime* com toda sua arrogancia e pretensões, e estas foram taes que a soberania popular aponhou-lhe o caminho do exilio.

Com Luiz Philippe, o rei cidadão, a monarchia constitucional teve seu ultimo desengano.

A França desilludida pediu em altos brados a republica, e para que esta acabasse foi necessario a repetição de um 18 brumario, galgar sobre o abatido corpo da nação franceza e com o sabre na mão amarrar-lhe a mordação.

Passando á Hespanha podemos observar ainda frescos os signaes que ahí deixou a monarchia constitucional. Na ponte de Alcoléa a soberania popular vingou a ignominia que o systema fizera cahir sobre a nação hespanhola ; e mais tarde a monarchia constitucional, na pessoa de Amadeu, confessava, honradamente desta vez, sua inepecia e impotencia.

E a Inglaterra, o paiz classico da liberdade, o modelo da monarchia-constitucional, não será por ventura um argumento esmagador? Não de certo. A velha Albion, por quem os constitucionalistas ardem em santo entusiasmo e por quem estão sempre dispostos a quebrar lanças, não tem, a nosso vêr os elementos para constituir um modelo. Entre os inglezes corre um annexim que realmente traduz uma verdade social e politica do maior alcance: *land is freedom*.

Pois bêm, nesse paiz em que se proclama que a propriedade territorial é a liberdade, meia duzia de individuos possuem todo o territorio. As riquezas accumuladas todas em um certo numero de familias, pequeno relativamente ao resto da nação,

faz com que este resto seja escravo dessa aristocracia de um caracter mixto, pois reúne á nobreza de linhagem a do dinheiro.

D'ahi resulta que o rico póde tudo e o pobre nada, d'ahi tambem a miseria publica que provém desta desproporção monstruosa. No povo inglez só ha um elemento de ordem e liberdade commum a toda a raça saxonica—o respeito á lei—, mas de que serve esta disposição do temperamento da raça, si os fabricantes da lei são os membros dessa aristocracia opulenta que conquista os lugares no parlamento á custa de milhões de libras esterlinas?

Não falleis na Inglaterra: um monstro social não póde dar uma perfeição politica. Uma olygarchia não póde ser a realisação do systema constitucional. Ou a Inglaterra realisa o vosso systema e neste caso mudai-lhe o nome porque lhe mudaram a essencia; ou não o realisa e então confessai que a monarchia constitucional é impracticavel.

Eis ahi as lições que a experienciá e o estudo dos outros povos nos ensinam sobre a verdade politica da escola constitucional.

Conservando esta doutrina á monarchia a tradição propria que teve sua origem nos abysmos tenebrosos da ignorancia e da força bruta, conserva-lhe tambem suas tendencias absorventes e as saudades do dominio d'outr'ora. A attitude

do rei constitucional póde ser comparada á do homem que estendendo para diante as mãos avidas e cubiçosas, volta para traz o rosto, em que está estampado o que nós chamaremos—a nostalgia do absolutismo.

Em resumo: a monarchia constitucional absurda em theoria, gera na practica o absolutismo, o abatimento dos caracteres, abatimento este que é a condição necessaria para a falsificação do systema, a menos que o monarcha, apoiando-se na força material, não estabeleça a tyrannia franca e resolutamente.

Estudando o movimento destes dous ultimos seculos, as aspirações populares, as novas idéas que surgiram, vê-se claramente que o systema constitucional foi um *qui-pro-quo* historico. Ao examinar as necessidades da sociedade moderna, julgou-se que esta apenas queria os reis reformados. Engano! Os povos o que queriam era a eliminação completa destes representantes privilegiados de um passado de ignominia e oppressão.

No principio deste seculo e em fins do seculo passado, o astro de uma nova religião tinha nesse momento sua aurora. Aos direitos de alguns individuos iam-se oppôr os direitos da humanidade. A vida collectiva dos povos accentuava-se de um cunho até então desconhecido, a razão so-

berana examinava o dogma e lhe roia o alicerce, a imprensa por meio de emboscadas assaltava o poder e pedia para si completa liberdade, a tribuna era arrancada do palacio do mutismo e arastada até a praça publica onde apresentava o aspecto de imponente náu dominando as tormentas do povo-oceano, o homem, emfim, levantárase soberbo, e pela estrada da industria, transportado pelo vapor e pela electricidade, procurou o atalho que conduzia á realisação de seus destinos.

O mundo moderno fundava-se; a sociedade actual procurava os elementos de sua organisação. Dos que souberam comprehender essa grandiosa revolução, dos que não hesitaram entre a tradição e o porvir, originou-se a escola republicana. Soube esta furtar-se ao *qui-pro-quo* historico de que foram victimas os constructores do systema constitucional e postar-se resolutamente em frente á autoridade regia. Proclamou a soberania popular como unica fonte de toda autoridade, e na electividade de todos os funcionarios, firma esta escola o continuo governo da opinião publica. No dominio administrativo exige o córte de todas as peias da centralisação e pede o municipio livre dentro da provincia e a provincia livre dentro do estado.

O desenvolvimento de todas as forças indivi-

duaes, o livre exercicio de todos os direitos naturaes, anteriores a toda legislação, um unico soberano —a lei—, porque é a voz do proprio povo, a responsabilidade effectiva de todos os funcionarios publicos, a completa separação dos poderes do Estado, a magistratura inamovivel, eis rapidamente enumerado o que caracteriza a escola democratica.

Mas não esqueçamos uma de suas mais importantes verdades.

Considerando o estado uma entidade abstracta e cuja existencia só se deriva das relações civis dos cidadãos, a democracia não quer religião official, proclama a liberdade de consciencia e separação completa da Igreja do Estado.

Não obriga os crentes das diversas religiões ao pagamento de impostos, cujo fim seja o sustento de um culto que elles não aceitaram. Deixa á alma a liberdade completa de dirigir seu vôo para as regiões onde habita a Divindade e não quer profanar com mãos aleivosas o sanctuario da consciencia. *A Deus o que é de Deus, a Cezar o que é de Cezar.*

É quasi inutil, depois destas rapidas considerações sobre o espirito das duas escolas que se disputam a victoria, dizer em qual dellas contempla a *Idéa* o seu ideal politico. A *Idéa* quer a democracia, o governo do povo pelo povo, a

expansão de toda liberdade. Revista que pretende representar as idéas da mocidade brasileira, que é também americana, não seria fiel a ella, se taes aspirações não se fizessem sentir em seu programma.

Ao estudar a marcha politica de nosso paiz, a *Idéa* claramente enxerga que a monarchia constitucional, entre nós, já deu suas consequências: o governo pessoal, o esphacelamento dos partidos e o abatimento dos caracteres. Ah! sobretudo o abatimento dos caracteres! Custa dizel-o, mas é forçoso confessal-o, nunca em paiz tão novo a corrupção, a venalidade, o servilismo, todos os vicios que assignalam uma profunda decadencia moral, lavraram com tanta intensidade como neste. D'ahi o septicismo politico, que caracteriza o nosso povo. Rico de talentos brilhantes, é o Brazil pobre, mui pobre de talentos honestos.

A probidade politica é uma chimera aos olhos do povo desilludido.

Deve a nova geração, compenetrando-se de que ninguem tem o direito de apregoar idéas politicas si não tem a consciencia immaculada, trabalhar para a regeneração dos caracteres, não simplesmente com a palavra, mas com a lição eloquente do exemplo. A instrucção publica organizada sobre bases largas e sem peias no desenvolvimento de seus programmas scientificos, é

outra poderosa alavanca de regeneração e sem a qual a democracia jámais poderá vencer.

A *Idéa*, pois, envidará todos os seus esforços para a regeneração politica e moral do grande povo brasileiro.



O ENSINO PUBLICO (*)

Com este titulo acaba de publicar o Sr. Almeida Oliveira uma obra concernente á momentosa questão da instrucção publica, em que assignala os profundos vicios da actual organisação do ensino, e onde desenvolve largamente as reformas de que este carece. Livro de tanta valia não podia vir mais a proposito, agora que todos os espiritos estão de accordo em proclamar que da solução desta grande questão do ensino póde resultar a vida ou a morte da democracia. E bem haja o Sr. Almeida Oliveira que, comprehendendo o espirito da nossa escola politica, offereceu seu livro ao partido republicano, o que além de resumir eloquentemente nosso programma, veio dar testemunho da independencia do autor, que deste modo se expõe ás vicissitudes do futuro!

Divide o escriptor o seu trabalho em nove

(*) *Idéa*, n. de 1. de Agosto de 1874.

partes precedidas de uma luminosa introdução, em que justifica o facto de ser o livro dedicado a quem é, e, no fim do volume apresenta-nos valiosos mappas estatísticos.

Nos tempos que correm, livros como este devem ser por todos conhecidos e meditados. É neste empenho que acompanharemos o distincto publicista maranhense na exposição de seu projecto de organização do ensino, ora reproduzindo suas reflexões, ora adduzindo outras por conta propria.

I

É o Brazil muito ignorante; verdade esta conhecida por todos e que tem por si a eloquencia dos algarismos. Tem o paiz uma população de 10.161.041 pessoas, sendo livres 8.490.910 e escravas 1.670.131. Pois bem; na população geral a proporção dos ignorantes é de 80 %/. Não é só isto. O grande descuido em que jaz a instrução publica entre nós prova-o tambem o seguinte calculo. Todas as rendas do paiz sobem a 127.773:509\$691 e desta somma apenas se tira 6.127:363\$092 para as despesas da instrução. Note-se, porém, que esta quantia é fornecida pelas provincias e pelo Estado em uma desproporção monstruosa, dando aquellas 4.035:799\$176 e este 2.091:563\$916. Outros calculos demonstram que

de 1.212.987 meninos que devemos ter, 1.030.061 não frequentam a escola, isto é, 85 %.

As nossas escolas de instrução primaria são 4.890, das quaes 3.792 publicas e 1.098 particulares. Accrescentando ao algarismo 4.890 o numero das escolas de ensino secundario que é 358 e dividindo toda a população pela somma 56248, vê-se que ha uma escola para 1.617 habitantes!

Outro facto vem ainda concorrer de modo efficaz para tornar evidente este estado de cousas, é o descuido e abandono da educação da mulher. Das escolas de ensino primario só 1.752 pertencem ao outro sexo e 50.758 alumnas as frequentam. As do ensino secundario são 85 e frequentadas apenas por 2.554 alumnas.

Taes são os preciosos dados estatisticos em que abunda a obra do Sr. Almeida Oliveira, e que bem patenteam a nossa miseria no que diz respeito á instrução publica.

E mais deploravel, por sem duvida, seria este quadro si nelle incluíssemos o numero insignificante de estabelecimentos profissionaes e de ensino superior.

Si tambem lançassemos mão do estado do nosso jornalismo para d'ahi tirar argumentos em favor da these — a ignorancia do Brazil, sombras mais carregadas seriam desenhadas.

Com effeito, além do preconceito que entre

nós cresce de dia para dia contra a missão do jornalista, a imprensa da politica mesquinha e partidaria se pavonêa tão sómente, morrendo á mingoa de recursos, toda e qualquer empreza que procura elevar o jornal á missão de doutrinar o povo. Em todo o Brazil só existem 52 diarios e 221 periodicos. Um jornal para 33.828 pessoas livres!

Outro elemento de cultura intellectual — as bibliothecas — é entre nós desprezado. Sem o amor da leitura nada valem os livros. É o nosso caso.

É grande, pois, do ponto em que nos achamos a extensão que temos de percorrer. Felizmente, porém, a revolução já está feita nos espiritos. A instrucção publica passou a ser um dogma incontestavel do evangelho moderno. Cumpre, no entanto, notar que aqui duas são as correntes das idéas sobre o assumpto.

Para uns, a instrucção popular não passa de uma divisa de enfeite com a qual se querem impôr á opinião. Estes são os que se aproveitam do movimento em beneficio proprio, já para satisfazer ambições politicas, já para ataviar-se com galas emprestadas. Não póde haver portanto, sinceridade nos programmas destes falsos apóstolos do progresso. Tendo elles por fim cortejar o poder, sacrificarão a este qualquer parcella de liberdade.

Restam os outros. Estes não se furtarão ao sacrifício para que uma organização do ensino se estabeleça sobre bases largas e entretida pelo elemento vivificador da liberdade. Democratas convencidos vêm na instrução publica o meio de realizar a felicidade do homem sob todos os aspectos, economico, moral e politico.

Produz a terra mais e melhor quando mão instruida guia a charrua, as permutas facilitam-se e multiplicam-se quando o nivel intellectual elevando-se provoca relações intimas com outros povos. O homem moral pela instrução adquire o criterio que deve regular suas acções, e o cidadão só por meio do conhecimento perfeito das necessidades proprias e das de seus semelhantes poderá exercer o quinhão de soberania que lhe cabe na organização social.

Não ha quem ignore estas consequencias.

Ellas estão no dominio de todos, mas só alguns querem deduzil-as sinceramente. A estes a gloria de combater o sophisma, de arrancar á rotina a confissão da propria incapacidade e de assentar pouco e pouco o reinado da igualdade pela instrução ao alcance de todos.

II

A primeira reforma a pedir é uma lei de instrução obrigatoria. Este principio aceito hoje

por quasi todos os paizes civilisados, já foi reconhecido em muitas das nossas provincias, mas não obteve ainda força de lei. De nada servem escolas, si estas não são frequentadas. É necessario que se obrigue os pais a mandarem seus filhos ás escolas, o que, além de ser da competencia do Estado, garante ao menino o direito de não ser ignorante. Os publicistas mais notaveis, e entre elles Julio Simon e Laveleye, attribuem a esta salutar medida os progressos da instrucção na Suecia, Prussia, Suissa e nos Estados Unidos. E nem se póde contestar que correndo por conta do Estado os males que contra si acarreta a ignorancia, tenha elle o direito de impôr aos pais a obrigação de mandarem os filhos à escola, do que não resulta nem exorbitancia de autoridade nem ataque à liberdade paterna. Intervem o Estado quando um pai desnaturado nega o alimento do corpo ao filho, com mais forte razão poderá obrigar-o a lhe fornecer o alimento do espirito. Demais, com liberdade de ensino, póde o proprio pai ser mestre de seu filho.

Outra objecção contra a exequibilidade de uma tal lei, é tirada das grandes distancias que ficariam entre as escolas, por ser nossa população muito disseminada.

Dous são os meios para combater este obstaculo. Estabelecer, de um lado, escolas noctur-

nas e modificar convenientemente o horario das aulas; de outro lado, a escola ambulante e a liberdade do ensino completarão a obra.

Em todo caso, jámais faltará ao lado de um menino alguém que saiba o alphabeto.

Insistem, porém, os adversarios da instrucção obrigatoria dizendo:

« Que este principio é demasiadamente oneroso para o Estado. »

Eis aqui uma objecção que a nosso vêr nada tem de séria. Pois si está no interesse do Estado o desenvolvimento da instrucção e si é admittido que não ha paz nem ordem sem essa garantia, para que regatear com esse ramo do serviço publico, quando se despendem quantias enormes em cousas de menor monta? Dinheiro gasto com o ensino publico, disse-o um notavel orador, é dinheiro emprestado á prosperidade futura da nação.

Não se diga tambem que uma lei n'este sentido poderá ser esgrimida como arma politica; melhor fôra então descrêr da nossa perfectibilidade e cruzar os braços diante das obras de homens que até:

Venderiam o beijo derradeiro
da virgem que os amou!

É, portanto, de primeira necessidade uma lei que torne effectiva a obrigatoriedade do ensino.

Como se fará essa lei? Quatro são os requisitos, segundo nosso escriptor.

1.º Estabelecer a idade escolar e determinar o perimetro das escolas.

2.º Dar ao executor todos os meios de verificar se ha meninos que deixam de aprender.

3.º Autorisar soccorros aos pais pobres para se fornecer os filhos de roupa e material preciso.

4.º Estatuir a penalidade e dispôr sobre a execução della.

A legislação da Prussia, no que diz respeito a este ponto, devia ser adoptada entre nós. Ha tudo a ganhar com a experiencia das outras nações.

Porém de nada servirá tambem obrigar os meninos a frequentarem as escolas si estas não fôrem em numero sufficiente. Quantas escolas devemos ter? Para saber-o bastará tomar a termo médio das escolas dos outros paizes. Na Hespanha ha uma escola para 600 habitantes. Na Italia, Baviera, França, Hollanda e Inglaterra ha uma escola para 500 pessoas. Nos Estados-Unidos uma para 160 e na Prussia uma para 150. Tomando o termo médio entre a Hespanha e a Prussia segue-se que devemos ter uma escola para 375 habitantes, isto é, 22.651 escolas.

Não basta porém, que a instrucção seja obrigatoria, ella deve ser gratuita, e si assim só fosse para os pobres, os inconvenientes no modo

practico de provar a pobreza e a odiosidade da distincção de pobres e ricos, não dariam bons resultados, sendo preferivel por isso que a gratuidade se extenda a todos.

Chegamos agora a uma questão da mais alta importancia e a mais delicada pela sua affinidade com a politica : a liberdade do ensino.

Perante a philosophia do direito, o exercicio da intelligencia não pôde soffrer coacção. O pensamento pertence á alma, çue não ao Estado. É o direito de ensinar a fórmula mais esplendida da liberdade do pensamento ; e não se segue que porque o ensino seja offerecido pelo Estado, deva este impô-lo de certa maneira. O que é o Estado ? Uma entidade abstracta. O que é a administracção ? Uma reunião de homens falliveis como os outros e portanto, sem o direito de imporem um ensino qualquer. Onde o criterio que, vista a continencia humana, possa arvorar-se em verificacção definitiva da verdade ?

Todos têm pois o direito de procurar a verdade e de discutil-a. Liberdade para todos, é o que nós precisamos. Tenha a Igreja suas escolas, ensine alli a sciencia interpretada segundo os principios da philosophia de S. Thomaz de Aquino, mas deixe tambem aos racionalistas o exercicio do mesmo direito. A missão do Estado é apenas de inspeccionador.

A liberdade traz a concorrência e com esta o estímulo. Ganham com isto os pais, que assim podem escolher os professores de seus filhos; lucra também o Estado, que por este modo economisa.

Similhantermente no que diz respeito ao ensino superior. Não tem ninguém o direito de suffocar a interpretação scientifica individual, nem impedir que o alumno escolha o professor que mais lhe convier.

Si do terreno theorico passamos ao experimental o que vemos nos paizes onde floresce a liberdade do ensino? Olhai para os Estados-Unidos e vereis verdadeiras maravilhas; attendei para a Allemanha, a Suissa e a Belgica e ahí observareis os incalculaveis beneficios da liberdade.

Mas, objectarão, como se poderá cortar o abuso de pessoas inhabilitadas arvorarem-se em professores?

É simples a resposta. Si chamais um medico ou um advogado, e si o primeiro não vos cura por incapacidade, ou o segundo perde a vossa causa por ignorancia, de certo que não os chamareis mais. A noticia do facto espalhar-se-ha, e o medico ou o advogado serão julgados pela opinião publica. É justamente o mesmo, o caso de um máo professor.

Acabem-se, portanto, com esses passaportes intellectuaes, que é a intelligencia humana via-

jora sublime, cujos passos ninguém deve deter. Rasguem-se esses vexatorios regulamentos das nossas academias, si não querem que a civilisação córe de pejo diante d'elles.

Liberdade para o mestre, liberdade para o alumno: eis do que carecemos.

III

Improficuo, porém, será o ensino, mesmo livre, si perdurar a imposição de uma crença religiosa official.

Tocamos, pois, em um ponto não menos importante: a secularisação do ensino.

Tem sido esta medida adoptada com grande vantagem por varios paizes e por não havel-a estabelecido, lucha ainda hoje a Inglaterra com grandes difficuldades.

Como dissemos, será sem resultado a mais ampla liberdade do ensino, se o Estado continuar a exigir o ensino de uma religião privilegiada.

O ensino religioso é da competencia do sacerdote, que não do professor. Deve a escola limitar-se ao ensino da moral nas suas bases racionais e na sua applicação ás relações sociaes. O cidadão pertence á sociedade; o fiel á Igreja. Para os que vêm na separação da Igreja do Estado a solução de um dos mais graves problemas sociaes,

a secularisação do ensino não póde soffrer contestação. Examinemos, portanto, si dentro do dominio de uma religião de Estado, como em nosso paiz acontece, póde essa reforma ser realisada.

Em primeiro lugar impôr-se uma religião qualquer, é atacar a liberdade de pensamento que é inviolavel. Offerecer as vantagens da escola a troco de uma abjuração de consciencia, é um attentado. Onde originou-se esse direito do Estado pelo qual quer elle impôr uma crença religiosa? Foi, como disse Laboulaye, na velhice de um erro.

O Estado invoca, entre nós, o art. 5.º da Constituição, e para justificar seu proceder apregôa que a unica religião verdadeira é a que foi adoptada por essa disposição do nosso pacto fundamental. Entretanto nem essa doutrina constitucional resiste a um exame, nem o segundo argumento é procedente. O legislador brasileiro ao inscrever o art. 5.º não teve em mira senão assignalar o facto de que a maioria da nação era catholica; e pelo principio do dominio das maiorias fez dessa religião a religião do Estado. Si é verdade, porém, que a maioria dos brasileiros é catholica, não o é menos que todas as outras religiões contam entre nós grande numero de sectarios. E pela doutrina que se quer tirar desse artigo constitucional os filhos destes ultimos estão condemnados a crescer na ignorancia, a menos

que se não queira sujeital-os a uma abjuração sincera ou simulada. Não tem o Estado este direito; recebendo impostos de todos os cidadãos indistinctamente quanto a crenças religiosas, é principio de direito publico, hoje reconhecido, que a applicação do imposto deve aproveitar a todos e não a um certo numero. Os protestantes de todas as seitas, os judeus, etc., pagam para o sustento da instrucção publica, e no entanto o ensino de uma religião official fecha-lhes a entrada das escolas.

Além destas razões expendidas, é hoje constante aspiração dos povos modernos fazer com que as minorias não soffram a tyrannia das maiorias.

Um homem só, diz Stuart Mill, que pensasse diversamente do resto da humanidade, não poderia soffrer ataque nenhum em seu pensamento, tendo a humanidade o dever de respeitá-lo.

Por outro lado, arvorar-se o Estado em juiz da verdade religiosa é um destes absurdos cuja consagração só se explica pelo medo da liberdade.

Si é apenas da alçada do Estado conhecer das relações civis e politicas dos cidadãos, como quer elle tomando o logar da Igreja proclamar: esta é que é a religião verdadeira? Não é o Estado nem theologo, nem philosopho. Se a religião da maioria é a verdadeira, teremos então mais de uma sobre a terra. Aqui será a catholica, na Ingla-

terra e parte da Allemanha a protestante, nos paizes do Oriente a mahometana, e assim por diante. Irrisão!

Deixe o Estado portanto de impôr o ensino de uma religião official nas escolas. São estas fundadas para os cidadãos auferirem vantagens, que não miserias. Têm todos o direito de educar seus filhos na propria religião até que estes adoptem outra pelo livre exercicio da razão.

Abram-se escolas de todas as religiões para que o cidadão possa escolher para seu filho a que quizer. Fazer isto é substituir o privilegio pela igualdade. Não seja esquecido, porém, o seguinte: Ao sacerdote compete o ensino religioso e não ao professor. Eis-nos chegados ao ponto de onde partiramos.

Fallaremos agora de uma innovação, que quanto tenha contra si o preconceito da tradição, deve ser adoptada entre nós. Referimo-nos á co-educação dos sexos. Ha tudo a ganhar com as escolas mixtas: menos despezas, melhor moral e politica mais sincera.

Nas pequenas povoações onde são necessarias pelo menos duas escolas, com este systema bastará apenas uma. Quanto á moral, basta dizer que os costumes se apuram, a emulação provoca prodigios, e o homem e a mulher que nasceram para viver juntos começam de se conhecer desde

a escola. O menino perde sua rudeza, a menina habitua-se a olhar para elle com mais confiança.

Mas no que defendeis, dizem os que não sabem afastar-se da rotina, ha um grande perigo, e vem a ser que essa educação em commum desperta o amor precoce. Santo Deus! Pois o amor, o estímulo das acções nobres, o alimento dos grandes pensamentos, a idealisação da mulher, deverá ser banido? As affeições são uma garantia para a existencia da sociedade que sem ellas entraria em dissolução. Não enxergueis perigos onde não os ha. Dizia Michelet que acreditava na regeneração da sociedade pelo amor; acreditamol-o nós tambem, e é por isso que diremos: regenere-se a sociedade pelas escolas mixtas.

A co-educação dos sexos tem dado os melhores resultados nos Estados-Unidos e na Suissa. Leia-se o capitulo VIII, primeira parte, do bello livro de Hippeau sobre a instrucção publica nos Estados-Unidos e ahi se poderá devidamente apreciar as incalculaveis vantagens que resultam de um tal systema.

Entre nós a idéa não é nova. Em varias provincias foram feitos alguns ensaios, e ha bem pouco tempo um dos mais robustos talentos da mocidade de hoje, o Sr. Nuno de Andrade, na tribuna popular advogava eloquentemente a causa das escolas mixtas.

IV

Assentados os alicerces, resta-nos levantar sobre elles novo edificio que substitúa o que ainda está de pé. É o ensino entre nós dividido em tres partes: primaria, secundaria e superior. Consiste a primaria em leitura, calligraphia e arithmetica das quatro operações. Na secundaria os estudos classicos constituem todo o programma e são elles considerados a chave do ensino superior. Finalmente, reduz este o cidadão á contingencia de ser ou medico, ou legista, ou engenheiro, ou official de marinha. Não ha fugir destas carreiras. Si alguém quizer ser agricultor, chimico ou mechanic, isto é, influir directamente na industria do paiz, não o poderá fazer. De modo que o ensino primario sendo insufficiente, para nada habilita os que não podem ir além; o secundario, considerado sempre como passaporte para as academias, é administrado ás pressas e do modo mais facil, com o fim de que o candidato, na phrase escolastica, possa *passar*.

Os vicios de um tal systema são patentes. Resulta delle que só ha uma classe no paiz que póde ser instruida, é a que frequenta as escolas superiores, que, como já dissemos, limita o cidadão á escolha de quatro carreiras. A instrucção está pois concentrada em um certo numero, sendo o

resto da população votada a uma lamentavel e prejudicial ignorancia.

O fim de uma nova organização do ensino, deve ser justamente acabar com esta desigualdade monstruosa e collocar o cidadão ao alcance de uma instrução, que, sendo recebida no ensino inferior o habilita a seguir com vantagem para si e para a sociedade, uma profissão qualquer. D'aqui conclue-se que o ensino inferior deverá ser scientifico, isto é, constar de todas as materias que dão ao homem o conhecimento de si mesmo, da natureza e da sociedade. Aquelle, pelo estudo da moral e da religião, da physiologia e da hygiene, da gymnastica e do canto; estes, pelo estudo da mathematica e do desenho, da astronomia e da geographia, da historia natural e da economia, da physica e da chimica, e finalmente da sciencia complexa, que chamaremos sociologia.

Não se pense, porém, que se quer votar ao ostracismo o estudo das bellas artes, da esthetica, das linguas e das lettras, que constituem a parte classica. Não. Mas si acreditamos na influencia das lettras sobre a civilização, si pensamos que ellas nos enchem a vida de poesia e alargam os nossos horisontes, não podemos tambem contestar que hoje as nações vão procurar os elementos de sua prosperidade e riqueza nos esplendidos meios fornecidos pela industria e pelas sciencias. Tem cada idade

o seu característico, e a humanidade tocou ao periodo em que de nada valem as theorias si não são susceptíveis de immediata applicação practica. O espirito positivista tudo domina. É disto eloquente symptoma, o descredito em que vão cahindo as sciencias metaphysicas.

Em todo caso, na organização que ora se propõe, o ensino inferior terá uma parte destinada a esses estudos classicos, não sendo seus cursos obrigatorios, mas facultativos.

Resumindo: a nova organização constará do ensino inferior e do superior, dividido cada um destes em duas partes, uma scientifica e outra litteraria. Será a primeira obrigatoria, facultativa a segunda.

Trataremos agora mais especialmente destas divisões.

Na organização do ensino são os Estados-Unidos o modelo a seguir.

Como naquelle paiz, dividir-se-ha o inferior em tres grãos correspondentes aos que os americanos denominam: *primary school*, *secondary school*, *high school*. Poderão as escolas de cada grão estar no mesmo edificio ou em locaes separados. Cursa o alumno durante quatro annos a escola de cada grão, de maneira que aos 18 annos póde chegar ao fim de seus estudos inferiores.

Adoptando sempre a organização dos Estados-

Unidos, o Sr. Almeida Oliveira classifica os estudos dos diversos gráus do modo seguinte :

1.º Gráu: — Leitura, escripta, calculo, desenho, geographia, lições das cousas (*Lessons on objects*).

2.º Gráu—Grammatica practica, definições, etymologias, analyses, raizes, historia litteraria (não obrigatoria) arithmetica, escripturação mercantil, geometria, algebra, levantamento de plantas, desenho da architectura, astronomia, physica, chimica, physiologia, hygiene, historia natural, musica vocal, lições das cousas, e os cursos facultativos dos estudos das partes classicas.

3.º Gráu—Todas as materias do 2.º gráu, ensinadas, porém, de um modo mais completo.

Perguntará agora o leitor: para onde confinaste a moral, a religião e o que chamais sociologia ?

Eis a resposta : A moral será ensinada por meio de anedoctas e maximas explicadas pelo professor ; este procurará constantemente tirar vantagem da mais pequena cousa, para apresentar a seus alumnos as virtudes que devem ornar um cidadão, A religião será ensinada pelo sacerdote e nas escolas religiosas.

O estudo dos principios constitutivos da sociedade e da historia do paiz será feito nos livros que servem para leitura.

O cidadão aprenderá a lêr na constituição politica e na historia da patria.

No que diz respeito ao magisterio deverão os professores ser em igual numero que as materias ensinadas, exceptua-se, porém, o 1.º gráu, cujo curso poderá ser dado por um só professor.

Finalmente é de grande vantagem que os tres gráus de ensino estejam reunidos no mesmo edificio, attendendo a que deste modo os alumnos desenvolvem-se mais e menos despezas occasionam á escola.

V

A organização do ensino superior terá em primeiro lugar, como ponto de partida, a liberdade do ensino. Neste assumpto cumpre confessar que ainda estamos muito atrasados, e poucas esperanças ha que um espirito livre presida ás constituições das nossas academias. Para prova desta ultima asserção bastará lembrar o novo regulamento com que o Sr. Ministro do Imperio mimoseou a actual Escola Polytechnica. Ao passo que introduz uma medida liberal na parte concernente aos exames, deixa no regimen interno vergar o estudante ao peso do mais execrando despotismo. (*)

É assim que as reformas em vez de produ-

(*) Quando escrevi estas linhas estava longe de prevêr que eu seria uma das victimas. Em fins do anno passado eu e meu amigo R. Teixeira Mendes fomos suspensos por dous annos, por um artigo que escrevemos contra um acto do Sr. Visconde do Rio Branco, director dessa escola.

zidas de accordo com as idéas da época, não são mais que uma nova consagração do regimen tradicional. E é este mesmo Sr. Ministro do Imperio que pretende realizar o projecto de um centro universitario !

Desengane-se elle, sem o elemento vivificador da liberdade, a grande arvore da instrucção publica cahirá secca e sem haver dado fructos. Liberdade, liberdade e ainda liberdade ! Não nos cansaremos em repetir o que nos ha mistér. Acabemos com os pontos e com todo esse apparatus de um *auditorio official*. Vá o estudante á aula quando quizer, porque a assiduidade nada significa e nas condições actuaes os nossos lentes nada ensinam de novo.

Deste ultimo facto é causa a mesma falta de liberdade. Tendo auditorio obrigado, dispensa-se o lente de attrahil-o pelo cultivo da sciencia que ensina. O compendio adoptado, eis toda a sabedoria dos cathedromaticos. (*) Ora, é claro que, para tanto torna-se desnecessaria a frequencia. Pelo mesmo principio oppoem-se os lentes ao ensino livre. E é na verdade, assaz dura a alternativa de acompanhar os progressos da sciencia ou de ficar sem auditorio. Salvam-se elles do dilema com regulamentos como os que existem, e principalmente como o da actual Escola Polytechnica.

(*) Desnecessario se torna declarar, por amor á justiça, que fallamos genericamente.

Outra funesta consequencia dos actuaes regulamentos é vêr-se o estudante de talento obrigado a consummir todos os annos do curso, quando pudera em um periodo muito mais curto completar sua carreira. Mas pela actual organisação ha-de elle forçosamente acompanhar os que, mais desfavorecidos pela natureza, carecem de todo o tempo determinado para a duração do curso. D'ahi atrazo na vida economica e perda de tempo. Deve-se deixar ao estudante a faculdade ampla de requerer exame quando lhe aprouver. O rigor das provas e a exigencia dos juizes, serão empecilhos ao abuso desta liberdade.

Considerada a questão por outro lado não ha duvida que são insufficientes as escolas superiores que possuimos. Á guiza dos Estados-Unidos deverá a iniciativa individual tomar a si a fundação destas escolas. Emquanto, porém, ella não apparece, vejámos o que o estado póde e deve fazer.

Como acima dissemos são as sciencias, a industria, e as artes os objectivos do movimento intellectual das nações modernas. As escolas scientificas, de engenharia, as profissionaes, quer communs, quer especiaes, são portanto o que deve constituir o principal alvo dos reformadores.

Para attender aos reclamos de nossas necessidades devem ser fundados em todo o Imperio seis cursos de sciencias naturaes e engenharia: dous

ao norte, dous no centro, e dous ao sul. Mas não bastam estes.

São necessarias escolas profissionaes *communs* ou *geraes*, onde possa o cidadão sem especialisar nenhuma, preparar-se para escolher uma profissão qualquer. Finalmente, as escolas profissionaes de *aplicação* ou *especiaes* para que nellas o aspirante a uma profissão aprenda a que escolheu.

É desta maneira que teremos industriaes, mecanicos, artistas, lavradores, etc.

Julio Simon, cuja autoridade em materia de instrucção publica é incontestavel, se exprime sobre as escolas especiaes do seguinte modo :

«É certo que estabelecimentos do genero da escola *Turgot* (profissional *commum*) dão uma instrucção geral. D'ahi vem uma importante questão a decidir. De que se trata quando se falla de escolas profissionaes? Pretende-se preparar o alumno directamente para uma profissão? Então trata-se das escolas de aprendizagem. As escholas de aprendizagem são uma cousa e as profissionaes outra. Seria uma desgraça a sua confusão. A fallar verdade as duas escolas são necessarias. E' urgente multiplicarmos as escolas profissionaes mas ao mesmo tempo devemos crear escolas de aprendizagem em todos os centros de industria. Não é isto pedir muito. Em materia de instrucção publica nunca se pede muito, e, para não fallar sinão de finanças, affirmo até que jamais se daria dinheiro a maior premio.

« Assim a escola profissional deve ser practica sem ser especial. Com a especialidade nada se fará de bom. É impossivel preparar na mesma escola um tecelão e um mecanico. A escola que tiver um forja não poderá ter um tear. Diversas officinas,

diversos mistéres, mestres de diversas profissões não poderão com economia e proveito estar junctos sob uma direcção unica. Tudo seria mal feito, e nenhuma especialidade teria bastantes alumnos para se sustentar. Pela mesma razão as escolas de apprendizado, muito distinctas das profissionaes, só especiaes devem ser. »

Diremos agora de que constarão os cursos destas escolas profissionaes e especiaes.

As primeiras, que chamaremos escolas Centraes, deverão ensinar: mathematica, mecanica, physica, chimica, historia natural, physiologia, economia politica e desenho linear.

Não deve, porém, ser descuidada a parte practica de um tal curso que será :

Em chimica: — as principaes experiencias, a fabricaçã dos respectivos productos, e conhecimento das substancias simples ou mineraes, analyse, etc.

Em physica e mecanica: — as propriedades dos motores, a composiçã das machinas, resistencia dos materiaes, carpintaria, o cóрте das pedras, a arte de fabricar e trabalhar o ferro e os mais metaes, enfim todos os principios que servem ao homem para utilizar as forças e producções da natureza.

Em desenho: — geometria descriptiva, sombras, perspectiva e planos topographicos.

Nas esçholas especiaes deve-se ter principal-

mente em mira a agricultura, a industria e o commercio. D'ahi a divisão das escolas com seus cursos do modo seguinte :

Escolas agricolas — agricultura, horticultura, botanica, geologia, geodesia, meteorologia, mineralogia, economia rural, zoologia, zootechnia, veterinaria, chimica vegetal e de industria agricola, escripturação, instrumentos agricolas, culturas especiaes.

Escolas industriaes: — architectura, historia da industria universal, economia, chimica applicada á industria e ás artes, e o ramo das sciencias naturaes que ao alumno mais convier.

Escolas commerciaes: — economia politica, historia do commercio, operações cambiaes, moedas, pesos e medidas dos paizes estrangeiros, linguas que os alumnos quizerem.

Á par destes estudos theoreticos deve existir todo o ensino practico em laboratorios competentes.

Para a matricula nestas escolas será exigido o curso das escolas centraes, e para estas o do ensino inferior. Durará o curso tres annos, findos os quaes o alumno receberá um grau scientifico, de bacharel ou doutor.

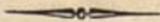
Antes de terminar este ponto cumpre dizer que para completo desenvolvimento de todos estes cursos, deverá haver hortos botanicos, museus,

conservatorios de artes e officios. Cada escola especial terá ao seu lado estes elementos de aperfeiçoamento.

Eis a organização do ensino tal como a propõe o illustre Sr. Almeida Oliveira. Faz elle notar com muita razão que, além de habilitar-nos a ocupar um logar distincto entre as nações civilizadas, terá esta organização a vantagem de acabar com a mania de se ser medico ou legista. São estes de mais e quasi que não temos industriaes, mecanicos e artistas.

É na industria, nas artes e nas sciencias positivas que as nações modernas procuram realisar sua missão historica. Os periodos da metaphysica e da theologia são passados: entramos em pleno positivismo. Boa ou má é esta a nova éra.

A instrucção publica deve acompanhar este espirito moderno. A organização do ensino que o Sr. Almeida Oliveira propõe, satisfaz cabalmente ás exigencias da época e ás do nosso paiz.



A MONARCHIA CONSTITUCIONAL (*)

A grande divisão que se póde fazer nas diversas escolas politicas que têm dominado até agora, é fundada nos dous methodos de philosophar que caracterisam dous estados do desenvolvimento intellectual do espirito humano: a escola theologica e a escola metaphysica. A primeira tendo como ideal a theocracia teve a sua realisação nas sociedades primitivas como o attestam todos os livros sagrados desde os *Vedas* da India até a Biblia da religião de nossos pais. Deus é afinal de contas o chefe supremo da nação, e a historia não é mais do que a effectividade das vistas Providenciaes. Cada religião que apparece no mundo assignala essa tendencia theocratica mais ou menos distincta. O catholicismo portanto teve tambem seus sonhos de dominio; e as tentativas empregadas por Gregorio VII para fundar o governo da Igreja são provas

(*) 22 de Janeiro de 1876. Este artigo foi publicado no — *Rebate*—, folha hebdomadaria e republicana, redigida por mim e pelo Sr. Teixeira Mendes.

irrecusaveis dessa tendencia. O direito divino dos reis foi o producto do espirito theologico na grande e imponente personificação de S. Paulo Este direito foi durante toda a idade média a base do poder absoluto dos reis, e assim devia de ser.

Nesses tempos de unidade religiosa não se poderia conceber phenomeno algum, e muito menos um poder qualquer, sem ser firmado na grande autoridade divina. A sciencia humana confundia-se então com a sciencia de Deus. A vontade omnipotente impellia os mundos no espaço e a humanidade na historia: Galileu e Newton não tinham ainda substituido no espirito humano a crença theologica pela convicção scientifica, Comte não havia ainda introduzido no catalogo das sciencias positivas, a sciencia social.

O rei governava porque Deus lhe conferira poder sobre seus subditos. Esta doutrina, claramente se vê, estava nos interesses da Igreja Catholica, porquanto, sendo esta a representante de Deus sobre a terra, concluia-se logicamente que os soberanos estavam subordinados a ella.

Esta conclusão do principio, si imperou nos primeiros seculos, foi depois abalada pelo espirito monarchico que procurava emancipar-se de Roma D'ahi as guerres de religião e a grande luta conhecida na historia pelo nome de luta do sa-

cerdocio e do imperio. Era o espirito critico ou metaphysico que despontava.

O progresso das sciencias positivas introduzira já nesse tempo algumas noções scientificas que fizeram surgir a duvida.

Era cedo ainda para o regimen positivo, mas era já tempo que a metaphysica apparecesse e instaurasse o processo ás concepções theologicas. O seculo XVIII teve por missão esta critica. Neste seculo duvida-se de tudo; Rousseau funda uma nova politica e as ironias de Voltaire abatem as crenças religiosas.

A politica nesta phase do desenvolvimento intellectual, é francamente metaphysica, isto é, constituída *a priori* e filha do methodo subjectivo. Cream-se entidades abstractas com suas respectivas propriedades: o povo e sua soberania. O direito divino dos reis, transformou-se em uma especie de direito divino dos povos, ou antes, procurou-se o fundamento da sociedade politica em um pacto primordial do qual não restavam testemunhas, nem documentos. A divergencia estava apenas nos motivos que levaram os homens a fazer esse contracto. Hobbes o tinha attribuido ao conhecimento que o homem teve das desvantagens inherentes ao estado primitivo ou selvagem; Rousseau, porém, sustentando a these contraria, isto é, a superioridade do estado selvagem, parece attri-

buir a lembrança do contracto ás intenções ambiciosas de alguns. (*)

Esta doutrina inspirou os principaes fautores da Revolução Franceza. Como se sabe, foi o *Contracto Social* o codigo politico dessa gloriosa época. Mas não é necessario hoje um detido exame para mostrar que, si a Revolução só conseguiu destruir e nada edificar, foi isso devido ao espirito metaphysico que a dominou. (**) Si em vez de quererem refazer uma sociedade inteira, do dia para a noite, por meio de decretos e formulas absolutas, se houvessem contentado os revolucionarios em dar satisfação ás necessidades do tempo, teriam com certeza poupado ás paginas immorredouras do livro dessa epopéa as gotas de sangue que as salpicaram. Não foi só isso. Apareceu um entusiasmo insensato pelas republicas antigas: se queria reconstruir no cidadão francez os elementos do cidadão romano, do espartano e do atheniense.

Houve como uma especie de renascimento politico, como já tinha havido o scientifico e artistico.

Passada que foi essa tempestade, os dous

(*) *Discours sur l'inégalité ; Du Contract Social.*

(**) Danton e seus sectarios foram os unicos que se apresentaram com um conhecimento verdadeiramente positivo da situação. Veja-se a obra do Dr. Robinet e os artigos publicados na *Revista Positiva.*

principios antagonicos, soberania do povo e soberania real ficaram medindo-se para a continuacão da luta. Verificou-se entãõ uma lei de nosso espirito, isto é, procurou-se a conciliaçãõ em uma fôrma mixta, intermediaria, que já tinha sua realisacão na Inglaterra. Houve entãõ enthusiasmo quasi delirante pelas instituicões deste paiz, enthusiasmo de que ainda hoje a escola intitulado liberal participa.

Entretanto o character da monarchia constitucional, como o prova sua origem bastarda, é uma hybridez que só lhe permite preparar o caminho para o estabelecimento de uma fôrma politica definitiva.

Ella é necessaria para certas condições sociaes, mas só debaixo deste ponto de vista. Scientificamente considerada não é mais do que um compromisso metaphysico, em que se quiz dar satisfacão ás conquistas populares, mas ao mesmo tempo, por meio de ficções ou abstracções conservar ao poder monarchico todo seu prestigio. Para não ir procurar no estrangeiro specimens deste espirito abstraccional (Stuart Mill), bastará procural-o entre nós, nas *Cartas de Erasmo*, onde esse espirito apresenta-se em sua mais alta manifestacão.

Dissemos que scientificamente considerada, a monarchia constitucional é inefficaz e correspon-

dente a um certo estado intellectual : para proval-o não ha nada melhor a fazer do que citar aqui uma pagina do creador da sciencia social, o grande Augusto Comte :

« A politica estacionaria (constitucional) faz alarde de manter as bases essenciaes do antigo regimen, ao passo que impede radicalmente, por um conjuncto de precauções methodicas, as condições as mais indispensaveis de sua existencia real. Similhanamente, depois de uma solemne adhesão aos principios geraes da philosophia revolucionaria, que constítuem sua unica força logica contra a doutrina retrograda, ella se apressa em pôr obstaculos regularmente ao desenvolvimento effectivo desses principios, suscitando á sua applicação quotidiana impedimentos penosamente instituidos. Em uma palavra, essa politica tão presumidamente despresadora das utopias, propõe-se directamente hoje a mais chimerica de todas as utopias, querendo fixar a sociedade em uma situação contradictoria entre a retrogradação e a regeneração, por meio de uma vã e mutua ponderação entre o instincto de ordem e o de progresso....

« Assim, essa doutrina mixta, que considerada em seu proprio destino transitorio, concorre, por uma influencia necessaria, já explicada, para preparar as vias definitivas da reorganisação social constitue, pelo contrario, quando considerada como final, um obstaculo a esta reorganisação, já fazendo desconhecer sua verdadeira natureza, já tendendo a perpetuar sem cessar as duas philosophias oppostas que hoje a impedem igualmente.»(*)

Vamos agora á confirmação experimental. Mas aqui é necessario para logo attender a uma diffi-

(*) *Cours de Philosophie Positive*, t. IV, pag. 81 e 85 — Edição de Madame Comte.

culdade. Onde escolher o phenomeno da evolução politica para ali observal-a? Não estando actualmente todas as sociedades no mesmo estado de desenvolvimento, qual dellas escolher que represente o typo da marcha presente da humanidade? Para nós: a questão já foi decidida. Duas nações se disputavam o lugar de guia: a França e a Inglaterra. Os direitos da primeira são defendidos por Comte, Buckle quer as honras do lugar para a Inglaterra. Littré, porém, intervindo no debate prova evidentemente a verdade da opinião de Comte. (*)

A França, pois, não ha duvida para nós, representa a evolução moderna; indaguemos, portanto, quaes foram os resultados da monarchia constitucional neste paiz.

Depois da revolução temos o imperio de Napoleão I, época que nem merece o nome de constitucional e que marca infelizmente para a humanidade o dominio do militarismo e da força bruta.

Com Luiz XVIII fez-se o primeiro ensaio regular do systema constitucional; o velho conde de Provença em seu exilio de Inglaterra enthusiasma-se tambem pelas instituições inglezas. O assas-

(*) Não sendo possível reproduzir aqui a discussão deste ponto, enviamos nossos leitores ao livro de Littré — LA SCIENCE AU POINT DE VUE PHILOSOPHIQUE — XVI. *De l'histoire de la civilisation en Angleterre par Buckle.*

sinato politico, diz um historiador, as denuncias, as matanças dos protestantes, mancham sinistramente a frente da França de 1815. Com Carlos X, o principio monarchico tende a absorver completamente o seu antagonico; o partido clerical crêa esperanças e o velho rei vai acabar no exilio. A monarchia constitucional não podia conservar sua estabilidade.

Os dous principios continuaram a luta; depois do governo de Julho a monarchia de Luiz Philippe. Assim como o militarismo foi o pedestal do imperio e o clericalismo o da restauração, a monarchia de Julho tratou de assentar sua posição sobre uma aristocracia de dinheiro, que causou sua perda. Luiz Philippe tambem teve a sorte do exilio e com elle o systema constitucional.

Chegou a vez do outro principio, do principio democratico: temos a republica. Infelizmente a victoria é curta; um aventureiro atirando-se sobre o corpo da França, manietou-a com o auxilio da espingarda e do sabre. Napoleão III quiz fazer esquecer sua origem prodigalizando a gloria militar. Foi victima, porém, do proprio systema. Quando se preparava para distrahir as vistas da França da podridão interior, por meio da declaração de guerra á Prussia, com sua quêda vergonhosa que poz patente o estado verdadeiro da França, concorreu para mostrar mais uma vez,

que o systema constitucional para perdurar e sustentar-se, carece sophismar todos os principios de uma das escolas que pretende conciliar com a outra que lhe é opposta.

Depois de Napoleão III, o principio democratico comprimido havia muito tempo, reergueu-se e parece ser hoje o espirito dominante da nação franceza.

Depois destes ensaios infructiferos para estabelecer a monarchia constitucional, só resta concluir, que a lei scientifica acima enunciada é verdadeira, e que a monarchia constitucional não contém em si a solução do problema politico.

Si escolhemos a França, como dissemos, fomos a isso levados por motivos scientificos. Não é possivel, porém, esquecer que a Inglaterra é a grande objecção que logo se oppõe aos adversarios do constitucionalismo. Não o esquecemos e a prova é que guardamos para mais tarde o exame desse phenomeno social e politico, que, reduzido ás suas justas proporções, não é digno, nem dos exagerados encomios da escola liberal, nem constitue uma anomalia perfeitamente caracterisada como querem alguns.

Antes de terminar, uma reflexão.

O processo que seguimos neste artigo póde já dar uma idéa da superioridade de vistas que a philosophia positiva introduz em todas as questões. Desta

maneira a politica é simplesmente um problema de sciencia, e o politico um investigador sincero que procura as leis que regem o phenomeno de sua competencia, em uma região tão placida e serena, como a do physico que em seu gabinete observa e experimenta. (*)



(*) Em nossa opinião o papel provisorio que compete á monarchia constitucional já está esgotado no Brazil. Acreditamos que sem a monarchia a obra de nossa união teria sido mais difficil, não impossivel, e que esta fórma de governo nos deu certa educação parlamentar, preparando-nos assim para o regimen definitivo que é a republica. São estes os serviços que lhe reconhecemos no passado, ao lado de inumeras faltas, e grandes crimes.

Hoje, porém, a monarchia é só um empecilho ao nosso desenvolvimento e uma fonte inesgotavel de corrupção. Tudo nos diz que ella está nos seus ultimos dias. Sem se ser propheta pôde-se repetir a palavra de S. João Baptista :

Povo, fazei penitencia que os tempos se aproximam.

AS TRES PHILOSOPHIAS (*)

Primeira parte: Philosophia theologica pelo Dr. L. P. Barreto.
S. Paulo (Jacarehy) in-8.º—1874.

É sem duvida, digno de animação o espirito que, deixando de um lado as preocupações egoisticas, concentra suas faculdades na meditação, com o fim de esclarecer e fortalecer a humanidade.

É no estudo das religiões e de suas irmãs as philosophias, que esta missão póde ser mais efficaz. Umase outras procuraram sempre dar ao homem um systema de idéas que, em relação com os recursos da época historica respectiva, resumisse a concepção do mundo. As theologias foram as primeiras em fornecer esta concepção, porque nos tempos primordiaes o espirito humano não podia comportar outro ensinamento. Mais tarde a metaphysica, substituindo os *entes de razão* ás creações da theologia, marcou um progresso e veio servir de

(*) *Idéa* — n. de 1.º de maio de 1875.

transição para a phase actual da humanidade, a idade positiva ou scientifica. Neste periodo do desenvolvimento intelletual, as explicações theologicas e metaphysicas, condemnadas á propria impotencia, não resistem ao embate decisivo do methodo scientifico que se introduz por toda a parte, pelas sciencias moraes e sociologicas. Nesta phase o espirito humano só reconhece phenomenos, e a successão e similhaça destes phenomenos, isto é, as suas leis.

Phenomenos e leis! Eis o que encontrareis quer no estudo da quéda de um corpo, quer no estudo da decadencia de uma civilisação. O espirito do homem deixa de ser o ponto de partida para o estudo do mundo; pelo contrario, é do mundo exterior que partimos para chegar até nós; annula-se o methodo subjectivo e a observação e experiencia, proclamadas guias e soberanas no vasto campo do saber humano, recebem a homenagem de todas as sciencias.

Não ha aqui nem materialismo nem atheismo. O materialismo é uma metaphysica como outra qualquer e o atheismo por si, não póde ser uma philosophia, é apenas uma negação.

Tudo assim se transforma. A politica recebe auxilio da biologia, a psychologia torna-se a sciencia das funcções cerebraes; a moral, abandonando como sancção a esperanza de uma recompensa ou

o medo de um castigo, tem sua maior manifestação no amor da humanidade, e d'ahi a preocupação constante de trabalhar por ella; a historia, não é mais essa série de combates, de ruinas sobre ruinas, de conquistadores que se succedem, de gerações que se odeiam e condemnam mutuamente, a historia torna-se o quadro do desenvolvimento social regido pela lei dos tres estados.

Eis em poucas palavras a these que constitue a philosophia de Augusto Comte, a philosophia positiva. É este o assumpto que o Sr. Dr. Barreto se propõe a desenvolver em seu livro, cuja leitura fizemos com o maior prazer, porque era-nos grato achar no Brazil um écho dessa doutrina consoladora que vem reconstituir as crenças nos espiritos, que já não acham sinão vazio e esterilidade nas theologias e nas metaphysicas.

O autor possui perfeitamente a doutrina que defende, como o prova pelas applicações que faz continuamente á nossa situação politica e intellectual. A questão religiosa, sobretudo, é illuminada como nunca o foi, graças a poderosa arma, o methodo da philosophia positiva. O estylo é severo e castigado como convem a obras deste genero,

Entre nós a nova doutrina é muito pouco conhecida. A theologia e a metaphysica dominam em nossas academias, e já houve quem provocasse o

riso sarcástico do mestre por citar Augusto Comte. Elles, porém, condemnam sem saber o que fazem. Precisamos pois de vulgarisadores desta nobre philosophia, e, por isto, como correligionarios, não podemos deixar de agradecer ao Sr. Dr. Barreto o serviço que acaba de prestar.

O humilde escriptor destas linhas, porém, não cumpriria seu dever se callasse uma censura que lhe está a merecer o illustrado positivista brasileiro. S. S., repetidas vezes traduz trechos inteiros de Littré, (*) sem citação alguma e sem marcar-os com um desses signaes typographicos convencionaes, á disposição do escriptor que não quer deixar passar como sua, a obra alheia.

Talvez seja este facto consequencia da muita leitura de um mesmo autor, mas em todo caso, prevenido desta vez, esperamos que S. S. nas outras partes de sua obra, as quaes anciosamente esperamos, não dê mais lugar a que os nossos adversarios lancem mão desta arma que lhe está a fornecer, a fim de desacreditarem a aurora da philosophia positiva no Brazil.

(*) *Les trois philosophies*, por E. Littré REVUE POSITIVE. Tomo I.

A ESCOLA POLYTECHNICA (*)

II

SUMMARIO:—Opportunidade da reforma. O ensino scientifico na antiga Escola Central. O ensino pratico. A encammenda de sabios á Europa. Perigos desta importação. O que devia ter feito o governo. Pontos principaes em que se devia fundar qualquer reforma da Escola Central. Conclusão do artigo.

A primeira condição que para logo deve preencher uma reforma qualquer, no exame rigoroso a que póde ser submettida, é a de sua oppor-tunidade. E este ponto de vista adquire maior monta quando a reforma é do numero das que não se limitando a corrigir um detalhe, apresentam as proporções de uma revolução completa; a da antiga Escola Central está neste caso. Convém, portanto, examinar sua oppor-tunidade.

O criterio que em similhantes conjuncturas serve para aferir a verdade, é offerecido pela relação que entre si conservam os meios de que se póde dispôr e o fim que teve em mira o reformador. A

(*) Estes artigos foram publicados no *Globo*. 1875 — 1876. Assignei-os com o pseudonymo — *Fabricio*.

antiga Escola Central ou o paiz continham em si os elementos necessarios para a realisacão de uma Escola Polytechnica, como a planejou o governo? Eis aqui a these do presente artigo.

A Escola Central fôra instituida com um duplo character, era uma escola scientifica e ao mesmo tempo de applicacão. Tinha ella por fim formar bachareis e doutores em sciencias phisicas e mathematicas, e fornecer o paiz de engenheiros.

Acontecia, porém, que nem formava homens de sciencia, nem engenheiros. Os que de lá têm sahido, e hoje conquistaram renome em alguma das provincias do saber humano, podem dar testemunho que foi aquelle adquirido com o que aprenderam comsigo no remanso do gabinete, ou na vida practica de engenheiro. Esta anomalia tem sua explicacão no ensino que se dava e nos homens que alli occupavam os cargos do magisterio.

O ensino era pobre, rachitico sob o ponto de vista scientifico; mathematicas, sciencias phisicas e naturaes, tudo isto era despejado do alto da cadeira, no meio de um acervo de gallicismos, sem synthese philosophica, sem ponto de vista critico.

O compendio, bordão sem o qual o lente se não animava a dar um passo, resumia a sabedoria da cadeira. Explicava-se mathematica sem definil-a e fazendo consistir a nobreza desta sciencia na gym-

nastica algebraica ; ensinava-se physica sem experiencias, chimica sem laboratorio, astronomia e geodesia sem instrumentos, e engenharia sem modelos, nem practica.

Os homens que leccionavam, victimas que por sua vez tinham sido do mesmo systema, ensinavam pelo mesmo livro porque tinham estudado quando alumnos ; ao espirito delles, alheio a toda consideração philosophica, afigurava-se que a belleza de um problema estava na uniformidade das letras que representavam os dados. Sacrilego seria o alumno que ousasse mudar a denominação dos angulos de uma figura que o compendio baptisára A, B, C.

Recitava-se geometria e algebra pelo velho Lacroix, trigonometria por Ottoni : calculo, ainda por Lacroix ou Sturm (Navier foi ultimamente) ; mecanica, ainda por Sturm. Pareciam ignorar as obras modernas de Bertrand, Serret, Collignon, e outros. Os compendios denunciavam os professores.

Dissemos acima que o ensino era completamente destituido de synthese philosophica, e sinão vejamos. Ha um facto que póde servir para dar conta desta deficiencia : a repugnancia que esses mestres manifestavam ao ouvir o nome de um philosopho. E note-se que em si, esta repulsão era já uma tendencia benefica que patenteava nesses espiritos a lacuna que ahi havia

deixado a methaphysica ; mas confundindo todos os pensadores, metaphysicos ou não, envolviam elles na mesma antipathia sabios como Augusto Comte.

Ainda temos presente na memoria o tregeito desdenhoso que vimos fazer a um delles, ao ouvir o alumno citar o nome do fundador da philosophia positiva.

Tal era o ensino scientifico ; taes eram os professores. Não podia pois a Escola Central formar homens de sciencia.

Si o ensino scientifico merecia os reparos que acabamos de fazer, o que dizer do ensino practico? Havia, é verdade, no fim de todos os seis annos do curso uma viagem de recreio a que se dava o nome de *exercicios practicos*. O que alli se aprendia, não o sabemos nós.

A geometria descriptiva, tão bem denominada por Comte de theoria geral das artes, era fornecida em doses homœopathicas, colhidas na pobre botica de Guilmin. A pouquidade deste ensino era tal que quando a nova escola, pavoneando-se com o titulo de Polytechnica, quiz encetar seu curso de applicações da geometria descriptiva (sombras, perspectiva e stereotomia), houve quasi um conflicto entre o lente respectivo e os alumnos.

Aquelle porfiava em começar o curso por onde

começava o programma de sua cadeira, estes protestavam allegando, com toda a razão, que não tinham elementos para semelhante curso, sendo-lhes necessario um preliminar de geometria descriptiva. O lente teve afinal que acceder ao pedido dos alumnos.

As aulas de desenho eram tratadas com o maior desprezo, e seus professores não eram tidos na devida conta. Demais, uma hora de desenho, tres vezes por semana, não habilita a ninguem.

No 5.º anno começavam os estudos de engenharia civil e não começavam mal: estudava-se architectura, construcção, mecanica applicada, estradas de ferro, pontes e calçadas; tudo isto no curto espaço de um anno lectivo. Era ser engenheiro a vapor e tão a vapor que quem acabava seu curso tinha de diminuir-lhe a tensão para não esmagar o nariz contra algum obstaculo desconhecido: uma ponte ou uma estrada de ferro.

Desta maneira formavam-se os engenheiros e por esta analyse explicam-se as crueis decepções que experimentavam esses moços quando, ao abandonarem os bancos academicos, tratavam de dar destino ás miudezas scientificas em que vinham confiados.

Stereographada assim a antiga Escola Central, posta desta maneira á luz meridiana e sem os arrebiques e falsos atavios que lhe possam ter em-

prestado os documentos officiaes, deprehende-se d'ahi claramente que ella não continha os materiaes necessarios para o pomposo edificio planejado pelo governo.

Admittida esta conclusão, resta saber si o que ahi minguava podia ser procurado algures.

O paiz nada podia dar : pelo contrario, elle é que tinha necessidade e direito de esperar alguma cousa da Escola. O Brazil, em que peze aos que alimentam falso patriotismo, acha-se ainda muito atrasado para poder fornecer repentinamente sabios e mestres. São estes que estão á espera de boas escolas para surgirem, não promptos como Pallas da cabeça olympiana, porém, lenta e gradativamente como apparecem todos os phenomenos de character complexo.

Restava a Europa. Podia-se fazer uma *encommenda* de sabios ao velho continente, e fez-se. Tinha-se achado a espada de Alexandre para o nó gordio da questão. Não somos *hostis* á idéa de mandar vir estrangeiros illustres que possam accelerar nossa evolução: infelizmente, porém, abrigamos uma convicção e vem a ser que os illustres não virão cá. Os que já chegaram são sem duvida homens illustrados e competentes, mas não offerecem ainda a recompensa do sacrificio. Demais este methodo de importação póde trazer um grande inconveniente.

As cadeiras de *sciencias menos estudadas aqui*, (*) são tantas que si para cada uma se mandar vir um professor, a congregação afinal se comporá em sua quasi totalidade de estrangeiros. Além dos perigos de maior monta que similhante anomalia póde acarretar, não é para desprezar a confusão de linguas dessa nova Babel, em que o pobre portuguez, já tão estropeado, correrá o risco de findar seus tristes dias.

Em resumo, o plano da Escola Polytechnica, filho do prurido de imitação de paizes mais adiantados e da concepção do progresso a *galope*, foi prematuro.

O proprietario devia ter-se contentado em mandar reparar o velho edificio, pois que não possuia cabedal, nem materiaes para outro opulento e vasto.

Acreditamos que a Escola Central teria podido representar perfeitamente nosso estado social actual, si houvesse sido apenas reformada, attendendo-se aos seguintes pontos principaes:

1.º Purificação do magisterio por meio de concursos rigorosos e cabaes.

2.º Enviar á Europa todos os annos um ou mais alumnos que manifestassem decidido talento e vocação para o magisterio, afim de alli se aperfeiçoarem com este destino.

(*) Condição estabelecida no regulamento para facultar a encomenda.

3.º Augmentar o numero de preparatorios exigidos para a matricula, de modo que a instrucção superior assentasse em bases solidas.

4.º Dar maior desenvolvimento ao ensino pratico, enriquecendo os laboratorios e gabinetes existentes, e creando outros.

5.º Dar uma nova direcção didactica ao ensino e reformar o systema de exames.

Taes nos parece deviam ser as bases de similhanta reforma, havendo muitos outros pontos secundarios que deixamos de mencionar.

Não se seguiu, porém, este alvitre e ideiou-se uma construcção soberba. O resultado deste facto salta aos olhos: ficamos sem Escola Central e não teremos a Polytechnica.

A verdade sobre o que era a Escola Central ahi a deixamos estampada. Que os incredulos rasguem com mão sincera o véo das apparencias officiaes e appellem para as consciencias de todos, mestres e alumnos, que em todas acharão elles o écho de nossa fraca voz.

Convém, porém, fazer uma observação que a justiça está a reclamar. Quando se estuda um phenomeno de ordem elevada, a lei que se descobre traduz apenas a manifestação geral que elle apresenta, não podendo ser applicada a todas as particularidades. É assim que si estudando a feição geral da Escola Central, fomos levados por amor

da verdade a fazer censuras dolorosas, manda esse mesmo amor que dellas exceptuemos os poucos que a não mereciam. Além do motivo de justiça, era mistér esta declaração por quanto é desse pequeno nucleo que esperamos a nossa regeneração scientifica, e é disto garantia o espirito de philosophia positiva que nelle domina.

Esqueçamos, porém, a realidade e vamos ao sonho; deixemos de lado a inexequibilidade da construcção e examinemos o plano.



III

SUMMARIO:—Fabricio depois de julgar os mestres entende que é de justiça julgar também os alumnos. A mocidade brasileira e as influencias de raça, clima, sólo e meio social. O moço brasileiro observado ao entrar na academia, e depois, quando está prestes a abandonar-a. Victoria da natureza sobre o homem no Brazil. O espirito scientifico entre nós. As nossas casas de educação e os collegios preparatorios. O DOCTOR ANGELICCS. Necessidade de começar pela reforma do ensino primario e secundario. Fabricio conclue das reflexões precedentes mais uma prova da inopportunidade da Escola Polytechnica.

Já uma vez o dissemos e agora o repetimos, nossa missão é principalmente uma missão de justiça. Assim como o medico abre com mão segura o cadaver do que foi doente para verificar seu diagnostico, e arrebatado pelo amor da sciencia, esquece o enfado da operação para só lembrar-se da verdade que procura, da mesma maneira nós na autopsia a que procedemos da antiga Escola Central pozemos de lado nossas paixões e nosso interesse, afim de que a verdade fulgurasse sem mancha aos olhos de todos. Mas só fizemos metade da operação. Foi o corpo docente o assumpto de nossa critica e abandonamos o exame dessa mocidade que transpunha os limiares da academia para ahí ouvir a palavra dos mestres. É justo, pois, que por sua vez compareçam hoje os alumnos e sejam julgados

com a mesma imparcialidade. O nosso estudo ficaria incompleto se não enchessemos semelhante lacuna, por quanto faltaria o outro elemento necessario para se fazer idéa do que são em geral as nossas academias e do que era, em particular, a antiga Escola Central.

A mocidade brasileira, não ha duvidar, tem grandes qualidades, mas tem tambem graves defeitos que são ainda augmentados por causas que iremos examinando. Tem ella que lutar contra as forças encontradas de raça, clima, sólo, e contra a resultante de todas estas, o meio social. Descendemos de um povo que nunca occupou um lugar distincto na historia das sciencias positivas; povo valente e aventureiro que soube como Vasco da Gama dobrar o cabo tormentorio e chegar até as Indias, mas nunca aprendeu o devotamento pela sciencia e pela instrucção. Era a sua divisa — *pelo rei, pela lei, pela grei*, e si ha na historia nação essencialmente conservadora, é, sem duvida, a portugueza. Mas si a alma do povo portuguez é inculta e retrograda, é, em compensação, cheia de nobreza e rica de sentimentos.

Ambas as inclinações nós as herdamos ainda que modificadas. O espirito conservador do portuguez transformou-se em nós com o auxilio do clima, em esteril indolencia e em funesta despreoccupação pelas questões desinteressadas ou de

puro valor scientifico e moral. Tudo encaramos com indifferença, ou antes, só o egoismo acanhado e estreito nos domina.

Quer-se tudo para si e sem trabalho, sem luta. A bondade de sentimentos tornou-se complacencia culposa.

Observae um desses moços que pela primeira vez penetrou em uma academia com suas forças até ali sem terem sido applicadas, mas que nesta occasião parece como Archimedes, procurar um ponto de apoio para levantar o mundo, vêde como falla em sacrificio, patria e liberdade, notae o asco com que volta os olhos ao vêr desfilar diante de si o mundo official com sua centralisação, seu papelorio e sua rêde de corrupção, e depois observae esse mesmo moço quatro ou cinco annos depois, quando já está prestes a formar-se, e haveis de ficar maravilhados da differença. Todos esses sonhos estão esquecidos, nessa occasião já se pensa como o *Candido* de Voltaire:—*tout est pour le mieux dans le meilleur des mondes possibles*, fazem-se cortezias ao poder, e esse espirito revolucionario que proclamava todos os direitos, hoje só reconhece um: o de aviltar-se para não ser obrigado a lutar. Almas frouxas e pusillanimes que cedem ao primeiro obstaculo e se corrompem ao primeiro affago!

No Brazil, como diz Bukle, a natureza é mais

poderosa do que o homem; o sólo luta com elle, vence-o e prostra-o. É este facto, porém, devido á desproporcionalidade que existe entre os meios de que dispõem os dous combatentes. Ao passo que aqui a natureza ostenta todos os seus recursos, todas as suas potencias, o homem é rachítico e mal póde lutar para conservar a vida. Não tem armas; moralmente fallando, está nú. Ora, a arma invencível com a qual póde o homem subjugar a sua rival é a sua propria intelligencia, isto é, a sciencia. É a sciencia que ha de rasgar o véo que encobre as nossas riquezas naturaes, que ha de levantar o nivel moral do nosso povo, é ainda a sciencia que nos ha de levar á nossa regeneração politica e anti-theologica. A pobreza de nossa sciencia explica a inopia moral do homem no Brazil. No desenvolvimento do espirito scientifico, nas conclusões a que elle chega no que diz respeito á concepção philosophica do mundo, no character de positividade que elle imprime em todos os nossos pensamentos, é que podem ser achados os elementos de nossa evolução.

E o que é aqui o espirito scientifico? Quando a unica escola que entre nós apresentava mais ou menos, em sua organização, um espirito positivo offerencia o lamentavel espectáculo cuja descripção esboçamos em um artigo anterior, o que se poderá esperar desses estabelecimentos de instrucção

primaria e secundaria que por ahi pullulam, onde a educação transformou-se em um ramo mercantil e onde nossa mocidade que tanto carece de combater as naturaes imperfeições, ainda dá maior incremento a estas, graças aos methodos irrationaes de seus pretendidos directores? Hoje que os espiritos adiantados, que os pensadores de mais autoridade estão de accordo em proclamar que a questão da educação, como toda questão social, depende para ser convenientemente elucidada, de uma preparação scientifica completa, sendo mister estar de posse das conclusões de todas as sciencias no que é attinente ao homem, considerado como individuo e como factor social, hoje, emfim, que a philosophia positiva demonstra com todo o rigor scientifico que o desenvolvimento individual percorre os mesmos estadios que o da especie humana, e que portanto torna-se necessario o conhecimento das leis que regem esse phenomeno; entrega-se a educação a individuos ineptos, ignorantes, e o que mais é, interessados pelo lucro pecuniario em fazer tudo depressa e mal!

Com excepção do *Externato Aquino*, cujo director se aparta do commum de seus collegas pela decidida vocação que o levou a fundar seu estabelecimento, onde os methodos positivos de ensino, devidos ao genio da America do Norte, são applicados com proveito, não temos nenhuma

outra casa de educação que mereça este nome. Ha ahi algures, é verdade, um collegio cujo director, um desses espiritos em completa harmonia com as imperfeições de nosso meio social, apregoando-se como o apostolo da instrucção publica no Brazil, só tem conseguido provar aos homens que se não deixam illudir por ouuropeis, que entretêm boas relações com os orgãos da nossa imprensa, os quaes nunca deixam escapar a occasião de elogial-o convenientemente em suas gazetilhas ou chronicas locaes. Ao nosso vêr, semelhante collegio só servirá para ainda aggravar os máos effeitos do nosso optimismo e augmentar cada vez mais o numero desses infelizes, a que acima nos referimos, incapazes de erguer os olhos além da sombra projectada pelos poderes constituidos, chusma de almas cortezãs, boas para lacaios, que não para cidadãos.

Não fallemos tambem do collegio de D. Pedro II, instituição de character todo official e aonde ao espirito do moço só se offerece a alternada contemplação dos dous phantasmas modernos : o rei e o clero. Esse estabelecimento mentiria á sua indole e feição si podesse apresentar outro resultado que não fosse a adoração metaphysica do poder monarchico e a sujeição immobilisadora á Igreja Romana. Ninguem póde dar o que não tem.

É em estabelecimentos deste jaez que se pre-

para a mocidade para penetrar nas academias do ensino superior. Si ella traz o moral imperfeito e atrophiado, a sua educação intellectual, póde-se dizer, é pauperrima e causa dó. Todos sabem como são estudados os preparatorios; não se ensina mathematica, nem historia, nem a pretensa philosophia, ensinam-se apenas as respostas ás perguntas provaveis do examinador. *Passar*, na phrase adoptada, é o essencial, É assim que o estudante se matricula em uma academia, acostumado a considerar o estudo e a sciencia como simples formalidades, porque se tem de passar, afim de obter-se uma carta, ainda que esta depois só sirva para mostrar a sua incapacidade.

O estudo dos preparatorios não é só mal feito, é tambem mal comprehendido. O nosso ensino secundario é ainda classico e litterario, em vez de ser scientifico. A historia é apenas descriptiva, a philosophia é apenas absurda. Os nossos professores de philosophia limitam seu idéal ao *Barbe*, um ou outro anima-se a levar sua erudição até S. Thomaz: o *doctor angelicus* domina ainda com seu sorriso beato as novas gerações. Quando a sciencia moderna ostenta suas esplendidas conquistas, quando proclama a supremacia do methodo de observação e experiencia, quando dá o derradeiro golpe nas concepções theologicas e metaphysicas; aqui, no Brazil, a

mocidade ainda ouve o professor repetir as derradeiras conclusões a que chegou a sciencia medieval!

Este deploravel estado de nossa instrucção demonstra evidentemente que o governo, antes de preoccupar-se com reformas impossiveis no ensino superior, deve reformar em primeiro lugar o secundario e primario. Não se começa um edificio pela cupola, mas assentam-se primeiro os alicerces.

E note-se que não seriam necessarias grandes locubrações de espirito; si o governo quizesse poderia achar prompto um programma completo e cabalmente discutido na obra de um distincto brasileiro, o Sr. Dr. Almeida Oliveira, trabalho este inspirado pelas instituições americanas, os modelos hoje de tudo quanto diz respeito á instrucção publica. Este preclaro publicista aponta em seu livro, com mão de mestre, os vicios fundamentaes de nosso systema de ensino e os meios efficazes para reerguel-o. A obra, porém, para o nosso governo tem um grave defeito. Na primeira pagina lê-se o seguinte: *Ao nascente mais já vigoroso partido republicano.* — É quanto basta para condemnar o livro ao olvido.

Similhante reforma primordial deve ser, não nos cançaremos de o repetir, essencialmente scientifica. Deve ella preparar não só os que quizerem

seguir depois um curso superior, porém, todos os cidadãos, sem distincção de destino especial de carreira. No estado actual da humanidade não é só o futuro doutor que precisa do estudo das sciencias, todo cidadão si não quizer ficar transportado para épochas passadas, deverá procurar no regimen scientifico a direcção de seu desenvolvimento.

De todas as reflexões precedentes, conclue-se mais uma vez, o que já dissemos sobre a inoppor-tunidade da reforma da antiga Escola Central. A Escola Polytechnica sem mestres que correspondam ao seu pomposo programma, póde muito menos, no estado actual da instrucção publica, conter uma mocidade apta para receber um ensino scientifico, digno da altura intellectual de nosso seculo. A nossa mocidade não póde ainda ter como ideal a evolução da humanidade manifestada pela sciencia; essa mocidade ainda está em um estado de oscillação constante entre as suas convicções e o emprego publico.



III

SUMMARIO :—Fabricio não tem outro estímulo senão a sua visão da justiça. Novo ponto de vista em que elle se colloca. Da organização scientifica. Do curso geral e das materias que o compoem. A mecanica racional sacrificada. Insufficiencia do ensino do calculo. Necessidade de organizar mais um anno. Defeito a combater no estudante brasileiro. Cursos especiaes. Observações sobre a cadeira de geometria descriptiva applicada. Pedido que Fabricio faz ao Sr. Maia. Architectura civil, com applicação ás minas. Conclusão do artigo.

Á medida que vamos preparando os materiaes para o desempenho de nossa tarefa, mais vivamente se accentúa em nós a consciencia que tinhamos de nossa fraqueza em relação á obra que emprendemos. E se a este germem de desanimo se ajuntarem as oscillações que imprime um meio social imperfeito, e portanto indifferente ainda para as questões de vitalidade nacional, ter-se-ha uma idéa cabal do estado actual de nosso espirito. Não quer isto, porém, dizer que nossos braços affrouxaram e que nossa convicção vergou desanimada; não, que todas estas circumstancias eram previamente conhecidas. Si assim fallamos, é para declarar que, apesar de tudo, achamos na visão da justiça que temos sobre a terra, o estímulo necessario para perseverar na cruzada que encetamos. Graças a ella, não ha considerações nem

interesses humanos que nos demovam do firme proposito em que estamos, de prestar um serviço à instrução superior de nosso paiz.

Em nosso primeiro artigo tomamos para ponto de partida, ao examinar a oportunidade da reforma, a mingua de elementos para sua realisação, e collocando-nos neste ponto de vista, mostramos que era inexequível o projecto da Escola Polytechnica.

No que se seguir agora, porém, faremos abstracção desta penuria e examinaremos o projecto considerado em si, salvo o direito de illustrar as nossas demonstrações com alguns exemplos que um anno de practica já nos offerece.

Começaremos hoje pelo titulo 1.º que trata da *organisação scientifica*. Estabelece elle um curso geral e seis cursos especiaes que são :

- 1.º Curso de sciencias physicas e naturaes.
- 2.º Curso de sciencias physicas e mathematicas.
- 3.º Curso de engenheiros geographos.
- 4.º Curso de engenharia civil.
- 5.º Curso de Minas.
- 6.º Curso de artes e manufacturas.

É o curso geral o canal commum que conduz a cada uma destas especialidades : examinemol-o.

O tempo de sua duração é de dous annos, comprehendendo :

O primeiro: algebra, geometria no espaço, trigonometria rectilinea, geometria analytica e physica experimental, além da aula de desenho geometrico e topographico;

O segundo contém tres cadeiras: 1.^a, calculo differencial e integral, mecanica racional; 2.^a, geometria descriptiva; 3.^a, chimica inorganica, noções geraes de mineralogia, botanica e zoologia.

Ora, quem examinar este catalogo de materias ficará para logo impressionado pela accumulacão de cadeiras no segundo anno. O reformador querendo a todo transe circumscrever a dous annos o curso geral, viu-se obrigado a crear um anno monstro e de impossivel continuacão. (*)

Tomemos para exemplo a 1.^a cadeira; vemos ahi para serem estudadas no curto espaço de um anno lectivo duas materias difficillimas e importantissimas, calculo e mecanica racional. Considerando a questão de insufficiencia de tempo, já está ella resolvida pela practica: o professor este anno não chegou a dar nem a metade do curso de mecanica. Além da consideracão do tempo ha outra mais importante, e vem a ser a da preparacão scientifica. Temos á vista o programma de mecanica racional approvedo este anno pela

(*) Já confessaram esta impossibilidade creando um curso annexo—preparatorio.

congregação da escola, e notamos que é completo, ou antes, que contém os títulos dos paragraphos do compendio de Delaunay. Para quem já estudou mecânica racional não é novidade que em muitos dos seus problemas torna-se necessário o conhecimento completo do cálculo, quer do diferencial e integral, quer do das variações.

Como estudar por exemplo, o theorema do trabalho virtual, sem conhecer o cálculo das variações?

Como estudar certos movimentos especiaes, sem a theoria da integração de equações lineares?

É tão verdade isto que em 1874 sendo lente o finado Dr. Carneiro, e o compendio adoptado sendo o de Sturm, não se dava aquelle theorema importante, vindo só a dar-se por occasião de adoptar-se o tratado de Laurent, para o que teve esse lente de dar previamente algumas lições do cálculo das variações.

É claro, pois, que se póde estabelecer o seguinte dilemma: ou o programma tem de ser executado e neste caso quer-se um absurdo, um impossivel, ou foi elle mandado imprimir para *inylez vér* e então cumpre confessar que a antiga Escola Central, tal qual a conhecemos pelo nosso artigo anterior, palpita ainda sob as vestes emprestadas da Escola Polytechnica.

O governo, ou por elle a commissão encarre-

gada de fazer o regulamento, devia ter pensado em tudo isto e não sacrificar o estudo de uma sciencia importante, ao firme proposito de não dar ao curso geral uma duração maior de dous annos.

Quanto a nós, pensamos que o curso geral não poderá continuar assim; não haverá outro remedio sinão fazel-o de tres annos, passando a geometria analytica com o calculo e a geometria descriptiva a constituirem duas cadeiras de um novo anno.

O curso geral ficaria assim organizado :

1.º anno. — Algebra, etc. Trigonometria rectilinea. Physica experimental. Desenho geometrico e topographico.

2.º anno. — Geometria analytica. Calculo differencial e integral. Noções sobre o calculo das variações. Geometria descriptiva. Trabalhos graphicos.

3.º anno. — Mecanica racional. Chimica inorganica.

Desta maneira nos approximariamos da divisão da antiga Escola Central, que, seja dito de passagem, estava mais de accordo com a practica e com os principios da classificação das sciencias. O facto de se augmentar de um anno o tempo que um estudante leva em se formar, não é para fazer hesitar a quem acima de tudo colloca a dignidade e o aproveitamento do ensino. E se ha

vicio que no espirito de nossa mocidade mereça ser combatido sem treguas, é esta soffreguidão para alcançar uma carta, preferindo ella estudos incompletos e mal feitos a uma direcção didactica, custosa e longa. Não ha entre nós, por assim dizer, vocações, ou antes as vocações existem, mas não es á ahí a força de vontade necessaria para realizal-as. Ao primeiro accidente, o estudante que se matriculou em um curso com um fito, abandona esse primeiro alvo e continúa assim sem rumo certo, até que circumstancias independentes delle, se encarreguem de fixal-o. Esta é uma consequencia da soffreguidão a que alludimos. Convém, portanto, combatel-a, ficando assim provado que, longe de ser uma desvantagem, o augmento do numero de annos do curso póde, pelo contrario, concorrer para o nosso melhoramento.

Passemos agora aos cursos especiaes. Dentro dos limites do nosso systema de analyse é dever nosso declarar que em geral, pouco ha que censurar na organização scientifica desses cursos. Não se póde negar, que elles são mais ou menos completos e que os autores do regulamento se esforçaram o mais que lhes foi possível em classificar as cadeiras racionalmente. Ha mais ainda: inventaram denominações com felicidade. Para exemplo bastará citar: — *biologia industrial* — que achamos muito apropriada, apesar de não ser

adoptada na Europa, segundo declarou o professor contractado para esse ensino.

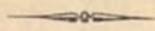
Duas cadeiras, porém, vão merecer-nos algumas observações, que apresentamos como duvidas. A primeira a que nos referimos é a de geometria descriptiva applicada á perspectiva, sombras e stereotomia, e as duvidas que temos versam sobre sua collocação no curso de sciencias phisicas e mathematicas. Estas applicações da geometria descriptiva não constituem de modo algum ou uma sciencia phisica, ou uma sciencia mathematica. Estas tres partes constituem sim tres problemas especiaes que são resolvidos applicando-se-lhes os *processos* da geometria descriptiva. Pretender o contrario é ignorar o que seja sciencia, e o que sejam sciencias phisicas e mathematicas. Entretanto, como apenas enunciamos uma duvida, muito grato ficariamos ao Sr. Dr. Maia, lente interino dessa cadeira, e que com tão marcada preferencia a incluye sempre no curso de sciencias phisicas e mathematicas, se S. S. nos favorecesse com algumas linhas afim de sahirnos desta duvida.

Não queremos com o que ahí deixamos escrito, diminuir a importancia desse estudo, de primeira necessidade para o engenheiro; pelo contrario, temos em tanta conta o futuro dessa cadeira que não podemos deixar de observar de passagem,

que é uma das que está reclamando com urgencia o baptismo de um concurso.

A duvida sobre a outra cadeira, refere-se á sua denominação: *Architectura civil com applicação ás minas*. Dissemos mal — duvida —, certeza temos nós de que a commissão reformadora ignorava o que isso fosse. O illustrado Sr. Dr. Villa Nova Machado, lente de architectura civil, declarou a seus discipulos, que não sabia o que tal [nome queria dizer. Os trabalhos que se effectuam nas minas, galerias, etc., são trabalhos de *construcção* mas chamal-os de architectura civil....

Emfim, eis ali exposto resumidamente o que pensamos ácerca da organização scientifica da nova escola. Podiamos haver collocado a questão em terreno mais elevado, começar por estabelecer uma classificação jerarchica das sciencias, fazendo intervir em magestoso debate Augusto Comte, Stuart Mill, Littré, Herbert Spencer, e depois de conhecida essa base, partir d'ahi para examinar se a Escola Polytechnica estava ou não de accordo com o progresso scientifico. O nosso artigo, porém, tomaria assim involuntariamente um tom que de maneira nenhuma convém a publicações desta especie. Tomamos, pois, o nosso partido e nos resignamos a esta critica menos philosophica, sem duvida, porém, tambem mais ao alcance de todos.



IV

SUMMARIO : Fabricio dispõe-se a tratar das habilitações didacticas. Condições necessarias para o cargo de professor. Importancia moderna do professorado. Exame da primeira das condições estabelecidas por Fabricio. Os especialistas. Outra vez a antiga Escola Central. Uma carta de Augusto Comte. Exame da segunda condição. O fundo e a fórma. Conclusão do artigo.

Entramos hoje em uma das questões de mais importancia que nos pôde offerecer o assumpto dos nossos artigos, e vem a ser o das habilitações didacticas.

O cargo de professor exige imperiosamente duas condições: 1.^a, completo conhecimento da sciencia que ensina; 2.^a, decidida vocação para o magisterio.

O professorado é uma missão; dar o alimento ao espirito e formal-o vale hoje tanto, como outr'ora importava o amparal-o com as esperanças da fé. Nos tempos modernos, não ha duvidar, o professor está destinado a substituir o sacerdote, tanto mais que aquelle não é sinão o ministro da nova religião, a sciencia.

Vê-se, pois, que não é cousa somenos o exame das condições que deve preencher o candidato a tão elevada missão. Aqui, porém, como só temos

em vista o ensino superior, essas condições restringem-se por uma circumstancia: o alumno de uma academia já vem para ella mais ou menos formado, não é a cêra docil da infancia. Quer isto dizer que o professor de uma escola superior não póde occupar-se com a educação moral; o regimen intellectual é o unico que cahe debaixo de seu dominio. Esta abstenção, porém, não é absoluta. Ninguem ignora que a certo movimento intellectual corresponde necessariamente um estado moral, que acompanha aquelle em suas oscillações. O amor da sciencia, que se confunde com o amor da humanidade, é a melhor garantia de uma moral nobre e elevada.

Examinemos a primeira condição que acima estabelecemos. Á primeira vista parece ella ociosa, com um exame mais detido não parecerá tanto. É evidente que a primeira condição para se ensinar é saber-se o que se ensina, mas resta saber como.

Aqui, no Brazil, por exemplo existe nos espiritos um grande erro que produz e tem produzido consequencias funestas. Acredita-se geralmente que os especialistas são os mais aptos para o ensino, e por especialistas entendemos aqui dous grupos de individuos, os que só e unicamente conhecem a sciencia que leccionam e os que se dedicam a fazer progredir certas partes,

certos detalhes de uma sciencia. Ao nosso vêr ha nisto um engano. O ensino de uma sciencia qualquer para ser proveitoso deve de ser philosophico, isto é, deve o professor conhecer todas as relações que ella tem com as outras sciencias e possuir de um modo completo o conjuncto, pela subordinação racional das partes, dom este de que carecem os especialistas. (*)

Si, particularisarmos este modo de julgar das aptidões didacticas, ao espirito que dominava na antiga Escola Central, o que veremos? A manivela do calculo algebrico substituindo a toda e qualquer coordenação philosophica, a todo e qualquer apauhado synthetico. Quem escreve estas linhas foi alumno dessa escola e ainda tem bem presente uma serie de factos em favor da sua asserção. Escolheremos alguns entre outros. Na aula de calculo infinitesimal por exemplo, começava-se definindo o que era uma funcção e adoptando-se promiscuamente as tres notações, de Newton, Leibnitz e Lagrange, nada se dizia sobre as tres grandes concepções correspondentes que dominam essa parte importantissima da mathematica: a dos limites, a dos infinitamente pequenos, e a tentativa de redução do calculo infinitesimal a puro calculo algebrico.

(*) Está entendido que nos referimos principalmente ás sciencias abstractas (A. Comte).

O estudante de calculo, si não era curioso, acabava seu curso ignorando completamente a importancia philosophica da sciencia que estudava, considerando-a apenas como estabelecendo um novo mecanismo de signaes para a resolução de certos problemas. Era uma miseria, mas era uma verdade.

Entretanto podemos achar uma consolação. Estes vicios que apontam-nos em nosso paiz, já foram profligados tambem em França por Augusto Comte, em uma celebre carta que dirigiu á Academia das Sciencias, por occasião de apresentar-se candidato a uma cadeira da Escola Polytechnica de Paris. Esta carta é tão importante, firma e desenvolve com tanto rigor o que ácima dissemos sobre as habilitações didacticas que dizem respeito á parte scientifica, que pedimos licença para transcrever aqui alguns trechos:

« D'éclatants exemples qu'il serait superflu de citer, ont nettement prouvé, de nos jours, surtout dans l'histoire de l'Ecole Polytechnique qu'une éminente aptitude au perfectionnement isolé de divers sujets scientifiques était pleinement conciliable avec une radicale inaptitude à tout enseignement rationnel, non-seulement oral, mais encore écrit. Cette irrécusable observation sera aisément expliquée par tous ceux qui auront convenablement approfondi la théorie de l'enseignement, où l'esprit d'ensemble devient spécialement indispensable, puisqu'il y faut la considération habituelle du caractère fondamental de la science, de l'exacte coordination de ses diverses parties et de ses

rapports essentiels avec le reste du système scientifique. Est-il donc surprenant que cet esprit d'ensemble, sans être rigoureusement incompatible avec l'esprit de détail qui doit ordinairement présider aux travaux académiques proprement dits, accompagne toutefois très-rarement l'aptitude aux recherches spéciales, presque toujours concentrées sur des points de doctrine isolés, dont la préoccupation continue doit disposer à oublier ou à négliger les autres éléments de la science? Aussi, quoique n'ayant pas composé de *mémoires* et ayant dirigé tous mes travaux vers la philosophie des sciences positives, j'ose croire que mes titres sont réellement beaucoup plus spéciaux pour une candidature non académique, mais didactique, que si j'eusse employé autant de temps et d'efforts à perfectionner les connaissances de détails. »

E mais adiante:

« Si l'esprit philosophique, en tant que distinct de l'esprit purement scientifique, est généralement indispensable à tout enseignement rationnel, aucun autre cas ne saurait, ce me semble, plus impérieusement exiger une telle condition fondamentale que celui dont il s'agit ici, vu l'importance supérieure de cette chaire transcendente, (*) destinée surtout à faire nettement ressortir les conceptions principales de la science mathématique, l'intime solidarité de ses diverses parties essentielles, et l'ensemble de ses vraies relations avec les différentes branches de la philosophie naturelle. Beaucoup de juges compétents qui ont pu convenablement observer, soit en lui-même, soit dans ses résultats ordinaires, le système actuel de l'Ecole Polytechnique, y déplorent avec raison l'abus des habitudes algé-

(*) A cadeira a que se refere A. Comte é a de 'calculo transcendente e mecanica racional, da qual fôra repetidor.

briques trop exclusives, qui disposent à mal concevoir la relation générale de l'abstrait au concret, une vicieuse prépondérance des signes sur les idées, qui tend bien plus à orner la mémoire qu'à exercer le jugement, enfin, un penchant trop commun à faire prévaloir la considération isolée de l'instrument analytique sur celle des phénomènes dont il est éminemment destiné à perfectionner l'étude rationnelle; d'où résultent trop fréquemment de graves altérations à l'heureuse influence, pratique ou théorique, de cette belle institution. Or, de tels dangers exigent évidemment l'introduction directe de l'esprit philosophique, qui ne sacrifie plus l'interprétation concrète des formules à leur contemplation abstraite, et qui, toujours pré-occupé de la considération approfondie de l'ensemble de l'étude de la nature, sache enfin disposer les jeunes intelligences à sentir judicieusement la vraie destination de l'analyse mathématique, tout en faisant dignement ressortir ses éminents attributs. »

Pedimos desculpa por uma citação tão longa. Mas a opinião de tão grande autoridade reveste de tal força os nossos recursos e esclarece de tal modo o assumpto que não era possível abandonar tão poderoso auxílio.

Está pois explicado o nosso pensamento, o modo pelo qual queremos que um professor conheça a sua sciencia.

Resta-nos agora examinar a segunda condição. Por vocação entendemos um conjuncto de disposições individuaes, não só intellectuaes e moraes, como até physiologicas.

Expliquemo-nos.

Uma vocação é uma tendencia que conforme

o numero de elementos favoraveis ou adversos que encontra no organismo e no meio, se desenvolve totalmente ou mutila-se e annulla-se. Assim a palavra é o instrumento do professor, é ella que ensina e que sabe prender o ouvido ás revelações da sciencia; imaginai agora um professor sem phrase e sem voz, um desses individuos que dão uma lição como um padre reza uma missa, e dizei-nos si o ensino não padece com isto?

A eloquencia é uma prerogativa de origem intellectual e moral, vem da cabeça e do coração ao mesmo tempo, mas carece de uma condição organica e physiologica, a voz.

Eis ahí porque estendemos até a organização individual os elementos necessarios para o desenvolvimento cabal da vocação didactica.

Entretanto, sabemos que na Allemanha, por exemplo, é cousa commum a um daquelles indigestos e pesados professores escrever previamente a sua lição em um caderno, cheio de notas e addições, e vir depois lê-la em aula. (Hippeau—*l'Instruction publique en Allemagne*, pag. 265).

Será isto talvez de facil accomodação com a raça germanica, mas acreditamos que a latina não pôde de maneira nenhuma prescindir do esmero da fórma. Não podemos supportar nem meia hora o professor que se perde nas difficuldades, insuperaveis muitas vezes, que se oppoem á sua pobreza

litteraria. Não se pense, porém, que somos partidarios do que o Sr. Adolpho Coelho (*A Questão do Ensino*, pag. 36) chamou ensino de ornato. O que nós queremos é uma justa conciliação entre as exigencias da fórma e as do fundo. Um professor por mais instruido que seja, que não sabe fallar sua lingua, e ha muitos destes no nosso paiz, é uma das cousas mais insupportaveis que conhecemos.

Escusado é dizer que o regulamento da Escola Polytechnica não entra em nenhuma das considerações precedentes. Nós as fizemos como preambulo ao estudo, que no proximo artigo havemos de começar sobre os concursos e provimento das cadeiras.





SUMMARIO: Os concursos. Processo seguido entre nós e consagrado de novo pela Escola Polytechnica. Perigos, irracionalidade da intervenção do poder executivo na escolha dos leites. A congregação é a unica competente. Considerações sobre o art. 23. Unico caso em que pôde ser dispensado o concurso. O art. 13 e suas funestas consequencias. O encyclopedismo. Como é mal entendido. Demonstração theorica. Confirmação por alguns exemplos. Conclusão do artigo.

Estabelecidas as condições preliminares no estudo das habilitações didacticas, daquellas que escapam á determinação regulamentar, entremos agora no estudo das condições que podem estar sujeitas a artigos de estatutos.

O meio mais geral de que se tem lançado mão até hoje, para proceder á escolha dos candidatos ao magisterio, é o concurso. O concurso, com effeito, provocando o pleito entre os proprios candidatos, offerece as maiores garantias para a consecução do fim que se tem em mira. É, porém, um meio apenas, isto é, a sua effectividade benefica depende do criterio intellectual e moral, principalmente, do juiz que em ultima instancia decide da victoria. A importancia pois do concurso resume-se por assim dizer, na importancia e garantias apresentadas por este juiz.

Convém, portanto, examinar as condições a que está sujeito o concurso.

O regulamento da Escola Polytechnica neste ponto não fez innovação nenhuma, contentou-se em consagrar de novo o processo adoptado desde muito tempo, entre nós.

« A congregação organizará para ser remettida ao governo, a relação dos candidatos propostos, segundo a ordem em que tiverem sido classificados (2.^a parte, art. 36, do novo regulamento. »

O governo nomeará então dentre os propostos o candidato que quizer.

Vê-se portanto, que é o governo quem afinal de contas decide da questão.

Em um paiz como o Brazil, onde os homens encarregados da direcção dos negocios publicos são os mais incompetentes para similhante missão, pois desconhecem completamente os principios mais elementares da sciencia social e da arte politica (*); em um paiz como este em que o patronato escandaloso é o mais seguro sinão o meio unico de satisfazer cada um a ambição do mando, insaciavel em nossos rhetoricos parlamentares, e onde se diz a medo, pequeno echo das vozes do Olympo, que Jupiter usurpando as attribuições de

(*) Fallamos aqui sob o ponto de vista da philosophia positiva.

Minerva e de Apollo, constituiu-se em juiz supremo da sabedoria e genio dos mortaes; em um paiz onde tudo isto se dá, similhante faculdade concedida ao Poder Executivo não fará sinão perpetuar toda esta série de abusos, se não deixar o ensino no mesmo estado de penuria.

Que habilitações tem o governo para julgar das condições scientificas de um candidato? Que entendem de sciencias positivas os nossos bachareis em direito, para pronunciarem sobre o merecimento scientifico deste ou daquelle? O que é que Jupiter sabe para impôr a sua opinião?

O processo é irracional e perigoso, não ha duvidar. Irracional, porque ninguem póde julgar daquillo que não sabe; perigoso, porque tem assim o governo, em suas mãos, uma arma, que simulando ameaçar apenas os candidatos incompetentes, transforma-se em gladio de perseguição politica para os adversarios e em égide protectora para os amigos.

Tratando-se de um pleito scientifico, é claro que só os homens de sciencia pódem decidil-o. O ultimo julgamento, pois, a nosso vêr, deve partir da congregação. Só esta (fallamos em these) é apta para julgar das habilitações didacticas dos candidatos. A intervenção final do governo tem produzido e promette produzir ainda os maiores males no ensino.

Em algumas de nossas academias ha cadeiras que já se tornaram hereditarias, ficam na mesma familia, outras foram ganhas *por serviços prestados na guerra do Paraguay*. Não ha quem ignore estes factos., estão na lembrança de todos. Na Escola Polytechnica quiz-se (não sabemos si ainda se quer) dar a cadeira de chimica a um medico homeopatha, e diz-se que a cadeira de economia politica do curso de engenharia civil, está destinada a um doutor em direito. Si o governo quizer estas nomeações terão lugar:—ninguem resiste a Cezar.

A nosso vêr, portanto, a congregação, e só a congregação deve julgar os candidatos. Para isto, porém, é necessario que ella reuna, isto é, os seus membros reunam as condições que provamos não existirem no governo. Ora, é claro que sendo o concurso o canal que para lá conduz, é mister que este não transporte senão aquelles que houverem preenchido todas as condições. Uma já foi examinada: a competencia do tribunal. Passemos agora ás outras.

Os membros do magisterio scientifico da Escola Polytechnica dividem-se em duas cathedaticas: substitutos e lentes cathedaticos. O art. 23, Cap. V, 1.^a parte, diz:

Só haverá concurso para os lugares de substituto. As vagas

de lente serão preenchidas, em cada curso, pelos substitutos mais antigos e por decreto do governo; precedendo informação sobre o comportamento moral e aptidão scientifica dos mesmos substitutos. »

Assim, pelo novo regulamento só pôde haver concurso para o lugar de substituto, o lente cathedratico é nomeado por antiguidade e por decreto do governo. Ainda o governo! Quando nos veremos livres da intervenção incommoda deste phantasma?

Antigamente um lente conquistava a sua cadeira por meio do concurso; agora a coisa tornou-se mais facil.

Esta disposição vem matar o estímulo e animar o que já tem entre nós grandes proporções, a preguiça e desleixo dos professores.

Como tudo é facil agora! Entra-se em um concurso, a protecção dá o lugar e depois... é deixar correr o tempo que a cadeira, qualquer cadeira (disto não se faz questão), ha de vir ás nossas mãos.

A nosso vêr semelhante medida constitue uma immoralidade. As habilitações não se ganham por antiguidade, mas com um trabalho assiduo e pertinaz, do qual temos o dever de dar provas e a prova, neste caso, é o concurso. Só ha uma conjunctura em que esta pôde ser dispensada e é a seguinte: quando ha um unico candidato, o

qual pelas suas obras e trabalhos sobre a materia de ensino da cadeira pretendida, tenha firmada a sua reputação no mundo scientifico e ahí reconhecida a sua autoridade. Porque conquistar pelas suas obras um nome na sciencia que se cultiva, é o melhor e mais grandioso dos concursos; é feito perante todos os povos e julgado no tribunal da opinião publica, o qual não está exposto nem á peita, nem ao servilismo.

Um candidato nestas condições não carece passar por essa prova, que é imprescindivel para os outros.

Isto quanto aos lentes cathedromaticos. Tratando-se dos substitutos, a excepção que acima estabelecemos para dispensa do concurso, não póde ter lugar em virtude das disposições do regulamento. Na Escola Polytechnica um substituto não póde limitar-se a uma sciencia, pela lettra do regulamento tem obrigação de ser profundo em todas as sciencias do respectivo curso, que tanto é necessario para se estar apto a leccionar qualquer.

O art. 13, Cap. IV, diz :

« Os substitutos serão obrigados a reger qualquer cadeira do curso a que pertencerem, e terão mais a obrigação de recordar as doutrinas ensinadas pelos cathedromaticos, etc. »

Não conhecemos disposição mais absurda do que esta e empecilho maior á formação de bons

lentes. Em theoria é facil demonstral-o. É quasi impossivel, em primeiro lugar, exigir de um individuo o conhecimento completo de uma duzia de sciencias, de secções differentes como sejam, por exemplo, a mathematica e as suas applicações de um lado, e de outro lado as sciencias physicas e naturaes. A escola positivista sustenta, é verdade, que é necessario a todo o individuo o percorrer a série hierarchica das sciencias para possuir uma direcção intellectual, capaz de lhe dar uma concepção das cousas, necessidade que augmenta de importancia tratando-se de professores. Mas esta exigencia da philosophia moderna limita-se ao methodo de cada sciencia e aos factos geraes ou leis de cada uma dellas.

« A mathematica é necessaria para o estudo da astronomia e da physica ; a physica é necessaria para o conhecimento da chimica ; a chimica para o da biologia, e emfim, a biologia para o da sociologia. Não ha nada nesta série organica que possa ser omitido ou invertido. Ahi tudo se sustenta, tudo se corresponde. Cada sciencia que precede assegura as bases da seguinte ; e por este modo, o conhecimento adquire uma solidez incomparavel, ao passo que attinge a maior generalidade. » (LA PHILOSOPHIE POSITIVE, Janeiro-Fevereiro 1876. *Escola da Philosophia Positiva*, por E. Littré).

Esta educação é necessaria, não ha duvidar, pelo menos quanto a nós, que somos discipulos de A. Comte. Mas similhante preparação não implica o

conhecimento profundo como se deve exigir em todo professor de qualquer sciencia, tanto mais quanto a série de Comte só abrange as sciencias que elle denominou de abstractas, chamando concretas ás outras.

« Esta hierarchia (das sciencias) forma o que A. Comte chamava as sciencias abstractas, constituindo a expressão suprema do saber humano, isto é, a concepção do mundo.

« São ellas oppostas ás sciencias concretas ou particulares, por exemplo a geologia, a historia natural, a botanica, a anthropologia, etc. São estas dominios especiaes aos quaes cada um se dedica segundo as proprias aptidões, e em cuja cultura se é tanto mais habil quanto se ha apropriado melhor a jerarchia toda. » (*Loc. cit.*).

Ora, as sciencias abstractas, com excepção do grupo mathematico, estão excluidas da escola Polytechnica, e portanto a impossibilidade a que nos referimos, confirmada agora pela autoridade de Littré, se manifesta claramente, pois só restam as sciencias concretas.

Deixemos agora a demonstração theorica e vamos á practica. Tomemos para exemplos na Escola Polytechnica alguns especimens.

Temos em primeiro lugar o Dr. Paula Freitas. Moço laborioso e cheio de boa vontade, si bem que para nós não tenha as qualidades de professor, tem leccionado tudo na antiga Escola Central. Mathematicas puras e applicadas, engenharia civil e geo-

graphica, mineralogia e até botânica, parece-nos, tudo isto elle percorreu em todos os sentidos, ora proseguindo, ora retrocedendo.

Ultimamente, parecia que o haviam fixado definitivamente na cadeira de geodesia, apesar do que se dizia que a que elle preferia era a 1.^a cadeira do 1.^o anno de engenharia civil. Pois bem, nem geodesia, nem architectura. S. S. acaba de ser nomeado para a cadeira de estradas de ferro, pontes e calçadas. E note-se que em outro tempo, não vai muito disso, S. S. entrou em concurso para a cadeira de calculo infinitesimal. Quanta força perdida, quanto desvio!

O Sr. Dr. Domingos de Araujo e Silva fez tambem uma romaria quasi igual, e depois de pretender por muito tempo a cadeira de calculo, acaba de aceitar a nomeação para lente de geodesia! Que salto mortal!

A estes exemplos seria facil ajuntar muitos outros, pois era o systema adoptado e continua a sê-lo.

O que indica estes factos e quaes são as suas consequencias?

Similhante phenomeno tem sua origem na falta de vocação, vicio este que é produzido por sua vez, pela carencia de elementos para o cargo de professor. Em um artigo anterior já nos pronunciamos sobre este erro funesto que

faz com que qualquer se julgue habilitado para o magisterio. E a este proposito não podemos deixar de referir aqui uma phrase que é característica, e que mostra a consciencia scientifica dos nossos mestres. Um destes acabava de ser nomeado para uma cadeira, perguntaram-lhe então si era esta a mesma que esperava; a isto respondeu o mestre com a maior ingenuidade: *Não, ignorava ainda a cadeira que me iam dar; só sabia que ia ser nomeado!*

Eis ahí as nossas grandes vocações!

Essa é a origem do mal, as consequencias são faceis de imaginar, ellas estão previstas no adagio popular que recommenda se não queira abarcar o mundo com as pernas. Com este systema ganha-se, é verdade, mas é a maior superficialidade de conhecimentos que se póde imaginar.

Das considerações precedentes, conclue-se que o concurso para o lugar de substituto, com a exigencia desse funesto encyclopedismo, é inastentavel e temos fé em que breve será reformado. Para termos bons professores é necessario que cada substituto seja ligado a uma só cadeira e não a todas. É neste sentido que se deve reformar o regulamento.

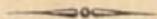
NOTA. — Devo declarar que tenho modificado minhas opiniões a respeito da efficacia dos concursos. Hoje acredito que

o systema allemão do *Privat-Doctem* merece ser preferido a qualquer outro. Não podendo entrar aqui no desenvolvimento desta criação engenhosa do genio allemão, enviamos nossos leitores ao livro de Hippeau sobre a instrucção publica na Allemanha, ou, o que será melhor para os que não podem despende tempo em leiteras longas, ao numero anti-penultimo das *Farpas* do Sr. Ramalho Ortigão, onde este systema vem exposto e defendido com o vigor de estylo e de idéas pecuiar a tão festejado escriptor.

Não queremos, porém, deixar de entregar desde já, á meditação dos leitores as seguintes linhas:

« Le concours est un mode de recrutement qui n'est nulle part accepté en Allemagne et nous croyons qu'en cela nos voisins ont raison. On dit pour le défendre qu'il a l'avantage de ne laisser arriver que les meilleurs: soit, mais on peut aussi retourner l'argument et dire qu'entre des concurrents d'égal mérite le concours a le grave tort de choisir. Voici une génération brillante et qui promet à l'avenir tout une pléiade de professeurs savants: le concours en prend un nombre fixe et rejette les autres de la carrière. La génération suivante est-elle pauvre de ces hommes d'initiative, le concours prendra les médiocres pour trouver son compte. Dans un cas il empêche l'essor de l'enseignement et dans l'autre il le rabaisse. On ne peut disculper le concours de faire aussi la part trop grande dans le succès, aux qualités brillantes des parleurs sur le savoir et le mérite plus réels parfois d'hommes qui n'ont pas le même don de la faconde. Dans un concours, disait Victor Cousin, il faut, avant tout, de la mémoire, une grande présence d'esprit, de l'audace... Il faut être, en un mot, disert plutôt que savant, habile à exposer plutôt qu'à approfondir, savoir plaire à ses juges plutôt que défendre une vérité nouvelle qui peut blesser leurs convictions. Les patientes recherches de laboratoire ne balancerons jamais, pour le concours, l'avantage d'un esprit facile

qui cueille dans les livres, à droite et à gauche la science des autres et sait en faire un belle étalage devant un auditoire souvent prévenu. » (*L'Enseignement supérieur des sciences* — par GEORGES POUCHET ; artigo publicado na revista dirigida por Littré, tom. VIII, pag. 24.



VI

SUMMARIO: O problema do julgamento dos alumnos. Sciencia e moralidade. A carta d' empenho. A independencia do magisterio. Os processos de exames. Inefficacia do system geralmente seguido. O que se deve fazer. A prova escripta e a COLLA. Conclusão do artigo

Depois do ter examinado o processo do julgamento dos mestres, vejamos agora o dos alumnos.

Começaremos enunciando uma proposição que, estamos certo, fará sorrir de incredulidade á maior parte dos nossos professores: o problema mais difficil do magisterio está no julgamento do alumno por meio do exame. De feito, se para o ensino de uma sciencia se requer apenas o seu perfeito conhecimento e uma educação intellectual conveniente, para avaliar dos conhecimentos de um examinando, além destas condições, carece o lente um tino especial, e o que mais é, de incorruptivel moralidade. No nosso seculo de moral anarchica, fluctuante e vaga, este ultimo predicado é muito difficil de ser determinado em um individuo; não possuímos actualmente um criterio scientifico, aceito por todos, pelo qual se possa aquilatar da

moralidade alheia. O terreno é ahí movediço e mal nos equilibramos nelle. A este respeito, portanto, só nos resta esperar a renovação da moral pelos methodos positivos, preenchendo este intervallo, com as regras empiricas que esse mesmo estado anarchico nos fornece provisoriamente.

Uma destas regras empiricas nos ensina que a independencia é a garantia da moralidade. É por isto que em politica ouvimos aprégoar a cada momento, como uma necessidade, a emancipação do poder judiciario de todos os outros poderes. O juiz será incorruptivel quando a sua pessoa em nada depender daquelles que a sua sentença vai ferir ou favorecer.

É o lente um juiz quando se senta na cadeira de examinador; carece de sciencia para avaliar conhecimentos, de moralidade para fazer justiça. Estes requisitos são satisfeitos em nossas academias?

Para vergonha nossa, cumpre confessar que não, cumpre dizer bem alto que não ha sciencia para julgar, nem moralidade para fazer justiça. Os poucos e raros que devem ser exceptuados em nada invalidam a nossa asserção.

Demais, a asserção não é nossa. Qual o pai que a não affirma quando redige ou pede a legendaria *carta de empenho*? O mal é aqui duplo: de um lado o mestre, o juiz, sacrificando sua con-

sciencia nas aras do interesse individual, do outro a mocidade adquirindo o habito desde a academia de tudo dever ao favor, ao servillismo, e nada ao proprio trabalho, ao proprio merito. A *carta de empenho*, póde ser considerada, sem que haja nisto paradoxo, o obstaculo que torna mais inuteis e improficuas todas as nossas tentativas de regeneração política.

As gerações *empenhadas* se succedem, a immoralidade cresce, as concessões inconfessaveis ramificam-se e tudo isto tendo por fóco as academias, os unicos centros de onde podia surgir a renovação intellectual! Não é com taes elementos que emanciparemos a sciencia da theologia, a politica da metaphysica constitucional.

Dissemos, não ha moralidade nas academias, e porque? Porque entre nós, o professor não é um orgão independente, seu ordenado é miseravel e não chega nem para comprar os livros de que ha mistér. D'ahi a necessidade de accumular outros empregos publicos, d'ahi a sua dependencia para com a senhoria que o arranjou, para com a excellencia que deu vida á senhoria, para com a magestade que fez a excellencia e que nos faz a todos nós. Extensa cadeia de servilismo, de abjecção e de miseria!

A sciencia e a moralidade não é tudo, porém, no problema de julgamento; é mistér para que

se tornem effectivas que o processo ou systema seguido nos exames lhes possa offerecer os elementos necessarios, para uma sentença justa e verdadeira.

O processo geral, até aqui admittido, consiste em dividir a materia em um certo numero de partes chamadas *pontos*, das quaes o examinando tira uma á sorte, tendo para preparar-se um tempo determinado, antes de ser examinado. Antigamente este tempo era nada menos do que vinte e quatro horas! Era a idade de ouro do *ponto*. Hoje, a sua idade de ferro, este tempo está limitado a duas horas para o exame oral e a uma para o escripto.

Examine nos o processo.

O seu principio essencial consiste, reconhecida a impossibilidade de exigir-se de um alumno ou de um individuo qualquer, o perfeito conhecimento de todas as partes de uma sciencia, em limitar esta exigencia a uma só; e este processo procura facilitar ainda o exame, concedendo um certo tempo para o estudo da parte tirada á sorte.

Ora, a primeira disposição combinada com a segunda, torna o processo completamente inefficaz.

Com effeito, um alumno dotado de alguma intelligencia, tendo apenas noções muito vagas e superficiaes sobre a materia, tirando o seu ponto e estudando-o, ficará habilitado a illudir ao pro-

fessor que mais pretensões tiver a perspicaz. Não é uma hypothese possível que formulamos, é uma realidade que se repete todos os annos. De mais, fazer exame de um ponto destacado, não é mostrar que se conhece a materia, é mostrar apenas que se conhece o ponto.

D'ahi as illusões de optica dos nossos mestres que exergam gigantes onde só ha pigmeus, e vice-versa, vêem um pigmeu onde se ostenta um gigante. Mas cumpre innocentar-os de taes resultados, não são os olhos que são infieis, é o prisma que se lhes põem diante; não podendo vêr o alumno sinão através desse prisma, imposto pelo regulamento, commettem elles injustiças sem querer, salvo quando mui de industria se aproveitam da infidelidade da imagem para desfigurar os outros.

É inutil dizer que a Escola Polytechnica consignou de novo este systema de exames.

Desta vez, porém, si contém o vicio, pôde tirar de seu seio o remedio.

O exame extraordinario que o novo regulamento estabeleceu e que chamou de *generalidades*, é o systema que, em nossa opinião, de particular e excepcional que é, se deve tornar geral. Consta este processo de um exame duplo, no primeiro é o alumno arguido sobre as generalidades, ou principios que são bases das theorias, ou resultados finaes de cada theoria; no segundo tira elle a

sorte um ponto especial para ser nelle examinado em todas as suas minudencias.

Deste modo o examinando poderá ser julgado com mais justiça, e o exame não será uma burla ou um jogo de azar.

Para completar esta critica, resta-nos considerar a divisão do exame em prova escripta e oral.

Em these, pensamos que estas duas peças, combinadas, illucidadas uma pela outra, facilitam muito o julgamento. Mas aqui chegamos ao abysmo que separa a theoria da practica.

Todos sabem, quanto á prova escripta, que por mais vigilancia que se tenha, por maior que seja o numero dos *argjos* é impossivel uma *fiscalisação* satisfactoria. A *colla*, como é chamada, qual o Protheu da fabula, toma todas as fórmas, serve-se de todos os meios, ostentando uma audacia sem igual. Nesta luta o que se suppõe mais atilado é o mais illudido. Ridiculo contraste este, entre a indole travessa da mocidade que mystifica e o aspecto severo do juiz que é burlado!

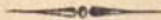
A consequencia destas mystificações é o descredito em que tem cahido a prova escripta, do que se vê exemplo frisante na Escola de Medicina. Alli a *colla* não julga necessario recorrer a meios subteis para escapar á fiscalisação, senta-se, pega na penna, e abre diante de si as folhas arrancadas

ao livro. Não é um exame, é um escandaloso plágio ou uma longa citação.

A prova escripta dá lugar ainda a graves injustiças no julgamento; porquanto, tomando para exemplo dous estudantes, um que é bom, mas que não *colla* e outro mau, mas que *colla*, o juiz póde ser levado pela leitura dos respectivos trabalhos a collocar, na série do merecimento, este acima daquelle.

Destas considerações deduz-se que é inutil, quando não prejudicial, a prova escripta, embaraça o julgamento final sem nada dizer, ou antes, podendo falseal-a. Cumpre portanto eliminall-o dos nossos processos academicos.

Exame vago, quanto ás generalidades de cada sciencia, abolição da prova escripta, eis o que se devia ter feito. A Escola Polytechnica ainda desta vez enthronisou o passado, não correspondeu ás necessidades do ensino.



VII

SUMMARIO: Fabricio volta de novo ao desempenho da sua tarefa. Os seus receios sobre a sorte futura da patria. A nossa regeneração scientifica só é possível sob a direcção da philosophia positiva. A tutela perniciosa do Estado sobre o ensino. A nossa situação. A escola Polytechnica veio ainda aggravar o mal. Demonstração practica por meio de dous exemplos. A carestia do ensino. Conclusão do artigo.

Fiel a nossa promessa, voltamos hoje, depois de uma longa interrupção, ao desempenho da tarefa que tomamos em mãos. São já passados longos mezes depois do nosso ultimo artigo, e apesar deste longo intervallo ainda é tempo de rematar nossa obra.

Em quasi todo este periodo de silencio, estivemos em terra estrangeira, em um meio que sobre ser completamente differente do nosso, manifesta-se hostile á nossa nacionalidade, ás nossas tradições e esperanças. Foi de grande proveito este contacto, para a causa que defendemos nestas columnas. Na comparação a que naturalmente fomos levados a fazer dos dous povos, separados por lingua, costumes e historia, neste cotejamento, por assim dizer, de cada momento, se nos arraigou, ainda com mais vehemencia, a

convicção que ha muito nutrimos de que para a effectividade de nossa evolução social, poucos e fracos são os elementos favoraveis com que nos proviu a natureza, e formidaveis os que esta reservou para a luta que trava comnosco, luta que constitúe para todos os povos, na opinião dos mais abalisados pensadores, a civilisação.

Esta disproporcionalidade nos elementos do combate, já sagazmente determinada por Buckle e agora verificada por nós, patenteou ao nosso espirito mais uma vez, a urgencia de compensar a nossa natural penuria, com os recursos inven-civeis que só a sciencia póde dispensar ao homem, D'ahi a importancia excessiva que todos nós bra-zileiros, devemos attribuir ás questões de instruc-ção publica

E bem haja semelhante convicção! Nestes tem-pos de concessões vergonhosas, de carencia de esti-mulos patrioticos, de indifferença publica e desmaio popular, nesta época de viagens imperiaes que pelo seu todo grotesco mereciam ser assumpto de novo *Hyssope*, nestes tempos de submissão culposa e degradante á theologia, é a causa do ensino pu-blico a unica talvez que nos faz ainda estremecer de amor pela desventurada patria.

Ha uma pathologia social, como ha uma pa-thologia biologica; e naquella como nesta consig-nam-se molestias cuja séde é um systema todo do

organismo e que se transmittem por herança aos descendentes, se uma morte prematura não vem surpreender antes d'isto o individuo social ou biologico. Francamente o confessamos, grande receio nutrimos de que o Brazil não seja um desses organismos, minados surdamente por um principio morbido qualquer, e votado a perecer, sem deixar apoz si descendencia, ou deixando-a achacosa e anemica.

Em todo caso, seja esta hypothese uma verdade, seja apenas creação de nossa alarmada phantasia, de modo que este paiz, em vez do que parece, seja pelo contrario um organismo de physiologia forte e robusta, não ha duvidar, que em qualquer das duas conjuncturas a solução é a mesma: a regeneração scientifica.

Mas esta renovação espirital não poderá ser levada a effeito sem ser dominada por uma doutrina, capaz de conter em si a satisfação que successivamente exigirem as novas necessidades intellectuaes, moraes e sociaes. Esta doutrina não póde ser outra a nosso vêr, sinão a philosophia positiva. É a unica que pela sua filiação scientifica, pelo seu espirito de tolerancia e justiça, pelo seu respeito ás creanças vencidas, pela sua classificação hierarchica das sciencias positivas que fornece um plano didactico e de educação individual e collectiva, incomparavelmente superior a todos

quantos têm sido apresentados, e, finalmente, pela sua grande lei sociologica que lhe dá o segredo da marcha da humanidade, é a unica, dizemos, que póde presidir satisfactoriamente a qualquer reforma no ensino publico.

A primeira condição reclamada por este novo ponto de vista, é a emancipação do ensino da tutela perniciosa do Estado. O Estado representa sempre uma certa somma de preconceitos, de habitos adquiridos, de pensamentos occultos e de interesses dominantes, que peia o livre desenvolvimento da verdade scientifica. A instrucção é assim falsificada para adaptar-se ás exigencias do seu tutor. D'ahi a covardia do espirito que investiga e a atrophia do coração que ama; si aquelle descobre, este não lhe offerece o caminho da moralidade para fazer vingar o descobrimento contra as repugnancias do Estado. Á questão intellectual prende-se a questão moral e esta á social, porquanto um povo cujos homens de sciencia não podem fazer fulgurar a verdade aos olhos de todos, não poderá tambem ostentar seus direitos. A tutela da sciencia traz como consequencia a sujeição do povo.

Nós estamos longe ainda da emancipação scientifica. O Estado nos envolve e penetra por toda a parte, quasi que nos asphyxia. A inciativa individual é nulla entre nós, como o provam todas as suas tentativas improficuas para reerguer-se. Nada

se faz de duradouro sem o concurso obrigado do Estado. Tal é a nossa situação.

A reforma da Escola Central, longe de adiantar alguma coisa neste sentido, veio pelo contrario, como já mostrámos, consagrar de novo as velhas usanças. Desde o director do estabelecimento até o ultimo continuo, tudo recebe a vida do Estado. É um vasto encadeiamento de termos que começa naquelle funcionario, o qual *é da livre nomeação do governo e só perante elle responsavel de seus actos.*

Por este systema, engenhosamente combinado, é o governo afinal de contas, o supremo arbitro scientifico, elle que nada entende de sciencia, elle que é composto de homens os menos preparados para taes funcções!

As consequencias deploraveis de tudo ser feito pelo governo, já se fizeram sentir na Escola Polytechnica. Escolheremos entre outros, dous exemplos caracteristicos que patenteiam evidentemente a sua incompetencia scientifica.

No começo deste anno foi nomeado um individuo, cujo nome passamos em silencio, para lente interino. O improvisado mestre mostrou desde logo sua incapacidade didactica e ignorancia das materias que foi convidado a ensinar. Foi tal o modo porque se houve no desempenho de sua tarefa, que os alumnos, (caso estranho!) redigiram

e assignaram uma petição á congregação da escola, afim de que esta dêsse um paradeiro á semelhante calamidade.

Em vão o Sr. visconde do Rio Branco, relembrando a sua habilidade diplomatica, procurou desviar os briosos moços da resolução tomada, promessas, insinuações, tudo foi em vão. A diplomacia confessou-se vencida diante da inflexibilidade dos signatarios; e não teve remedio sinão deixar que a petição chegasse a seu destino. Ignoramos como recebeu a congregação este documento original, o que é certo, porém, é que o professor denunciado não voltou mais á sua cadeira. Diz-se por ahi que o governo, não querendo declarar-se vencido, procurára salvar sua força moral de autoridade constituida, aconselhando ao lente que pedisse uma licença. Confessemos, porém, que o ardil nada encobre. O que fica evidente é que um punhado de moços demonstrou practicamente a incompetencia do governo para a escolha de seus mestres!

O outro exemplo é da mesma natureza. Fôra tambem nomeado interinamente para a cadeira de metallurgia, um moço cujos titulos scientificos todos ignoravam. A maioria da congregação, participando desta ignorancia, fez um appello á sua dignidade e, ainda que tarde, exigiu que o recém-chegado exhibisse seus diplomas. Não sabemos

o resultado deste conflicto. Mas é innegavel que aqui a criterio scientifico do governo foi de novo pôsto em duvida, e desta vez por uma corporação a mais competente na ordem official.

Taes são os fructos que vamos colhendo da apregoada reforma da escola central!

A segunda condição organica para o systema da instrucção publica, que a doutrina, a cuja luz deve ser reconstruido o ensino, estabelece em seguida, é a sua gratuidade.

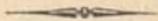
Para este alvo tendem hoje todas as reformas nos paizes civilisados, procurando tornar mais barato o ensino.

Em nosso paiz segue-se a marcha contraria, cada reforma traz um augmento no preço. A antiga escola central dava a sua sciencia a troco de vinte mil réis por anno, era humilde e modesta, cumpre confessal-o, na venda de sua mercadoria. Hoje a soberba e garrida Escola Polytechnica, achando isso miseravel e indigno de sua architectura quasi phantastica, exige ao pobre moço que lá quer adquirir um diploma, a enorme quantia de cincoenta mil réis por anno. O povo paga assim as velleidades reformadoras de quem tem a vaidade de querer passar aos olhos da posteridade como insigne estadista!

É desta maneira que progredimos em materia de instrucção publica. E nem é razão séria o

dizer que pois a Escola Polytechnica pretende oferecer aos consumidores um producto aperfeiçoado, estes devam com justiça compensar estas vantagens, pagando mais. Vai isto de encontro ao principio de economia politica, que diz que o *desideratum* economico está em apresentar aos consumidores o producto mais perfeito e mais barato.

A Escola Polytechnica, portanto, não só veio conservar os vicios inherentes ao nosso emperrado systema de ensino, mas veio ainda aggraval-os mais. Não é uma reforma, é uma consagração do passado e um obstaculo ao desenvolvimento do futuro.



O NOSSO ESTADO ACTUAL

E

A EDUCAÇÃO DA MULHER (*)

Cada seculo assignala sua passagem na vida da humanidade, concedendo a esta um novo elemento de força intellectual. A filiação historica atraves de mil oscillações se reata e a humanidade avança, confiada apenas nos seus meios de conquista contra o enigma, a esphinge da natureza. A humanidade e a natureza: eis as duas rivaes cujas lutas constituem a historia, cujas victorias constituem a sciencia. A guerra aqui, porém, não acaba com o aniquilamento da inimiga, o homem vencendo a natureza conforma-se com suas leis desta, como os conquistadores romanos que adoptavam as crenças das nações vencidas.

O desenvolvimento scientifico é a sublime epo-

(*) *Chronica do Imperio*. 1876.—Folheto quinzenal fundado pelo Sr. Teixeira Mendes a quem fui depois auxiliar na redacção.

péa que canta as victorias da humanidade; cada sciencia que se constitue, entrando no periodo de evolução, é imperecedoura columna que marca a passagem victoriosa do grande exercito. Vêde em primeiro lugar, a mathematica estudando as propriedades da grandeza e sobre um pequeno numero de factos, levantar o edificio mais soberbo e mais solido que foi dado erguer ao espirito humano; vêde em seguida, graças a este progresso, a astronomia prendendo os corpos celestes em uma unica lei, traduzida em uma unica formula; vêde depois a physica descobrindo-nos as propriedades geraes da materia, as leis da propagação do calor e da luz, a pressão atmospherica, o magnetismo, a electricidade; vêde com Lavoisier a chimica desvendando-nos os mysterios das propriedades mais intimas dos corpos, as leis de sua composição e decomposição; vêde, finalmente, com Bichat e seus successores, a biologia, ou sciencia da vida, surprehendendo os arcanos da organização, dando-nos o fio conductor da anatomia e physiologia cerebral, no labyrintho do sentimento e da idéa.

Depois de ter realisado tantas grandezas é legitimo o orgulho do homem ao comparar os tempos que accumularam todos estes resultados, devidos sómente à investigação humana, áquelles em que a sciencia divina bastava aos espiritos da epocha, em que a palavra de Deus resumia todos

os conhecimentos. Hoje a palavra da humanidade é mais eloquente e fecunda.

*
* *

Os progressos ahí apontados não são os unicos obtidos. Essa enorme cadeia de sciencias não está completa, falta-lhe um termo necessario. Competia ao nosso seculo encorporal-o á vasta série do saber humano. Queremos fallar da sociologia ou sciencia social. O seculo XIX, acreditamol-o, ha de ser para a posteridade caracterisado por este descobrimento, que quasi eclypsa os já effectuados.

Será possivel uma sciencia social? Cumpre confessar que a nova sciencia não se impõe por ora como uma evidencia a todos os espiritos. Escriptores ha que, concedendo certas relações entre os phenomenos sociaes, não querem comtudo que elles possam constituir uma sciencia. Outros, mais extremados, negam terminantemente a possibilidade de chegar-se a determinar leis naturaes para esta classe de phenomenos, não vendo nelles senão o arbitrario.

A contradicção é o primeiro escolho que estes espiritos encontram em seu caminho. A pezar seu, reconhecem implicitamente a existencia de leis sociaes, quando aconselham e combatem estas ou aquellas medidas. De outro modo, como comprehender os partidos politicos, por exemp'õ,

elles que se propoem por meio de reformas ou de medidas de qualquer natureza, obter a felicidade geral? O que seria para nós a historia, se ella apenas apresentasse uma série desconnexa e arbitraria de factos sem ligação, sem relações de causa e effeito?

A sciencia social pôde existir, já existe mesmo. Todos os pensadores, isto é, os que são dignos deste nome, todos os pensadores a reconhecem e trabalham no sentido de desenvolvê-la. As difficuldades, porém, são immensas, os factos ahí, por sua natureza dependem de um tão grande numero de factores, a sua complexidade é tanta, que os progressos nesta sciencia devem ser lentos e penosos. A estes obstaculos ajuntam-se os preconceitos de toda especie, preconceitos de religião, de educação de patriotismo, politico, o interesse individual, a parcialidade e um sem numero de outras causas, cuja ausencia fazem do sociologista um homem excepcional, e portanto o mais importante na hierarchia scientifica. (*)

Nas sociedades adiantadas da Europa todos estes embaraços ao progresso da sociologia existem ainda; imaginai agora o que será aqui no Brazil. A aurora da metaphysica raiou apenas para a nossa sociedade; os legistas innundam com sua

(*) Herbert Spencer — *Introducção á sciencia social.*

verbiagem interminavel as tribunas publicas; um empirismo embrutecedor domina na politica. Nós nem temos historia, ella é todos os dias falsificada pelos thuribularios dos poderes constituídos, que acima da verdade, collocam o interesse proprio. Cada monumento levantado em nossas praças, attesta uma mystificação, uma mentira. A instituição monarchica confunde-se com as vaidades, os ridiculos de seu representante, que na sua enfatuação, seria capaz de trocar o seu imperio pelo titulo de sabio ainda que falso. Não é só isto. A sala dos conselhos da corôa transformada em sucursal das sachristias, a divina Providencia levando-nos ao abysmo do dominio clerical, uma joven princeza, digna de melhor sorte, fanatisada, illudida pela igreja em nome do santo nome de mãe!

Ah! que a geração de hoje peze bem a responsabilidade de sua missão, que não seja mais um élo desta cadeia vergonhosa que ameaça quebrar-se, quebrando-nos a todos; que a mocidade sinta o rubor nas faces, que saiba.... envergonhar-se, ao menos, e talvez não esteja tudo perdido!

Depois do quadro grandioso do desenvolvimento da humanidade, a historia do nosso paiz! Triste contraste!

*
* *

Mas é deste contraste, em que peze ao nosso

amor proprio, que devemos tirar salutaes lições para dirigir nossa evolução. A natureza é aqui possante, formidavel, o homem é pequeno, anemico. Contra a natureza que nos subjuga podemos ter a sciencia, contra a anemia que conduz ao marasmo, podemos injectar em nossas veias um sangue rico, tomado ainda á circulação scientifica que anima as raças fortes. Precisamos refundir tudo pela cultura scientifica, pela mathematica aprender a raciocinar, pela physica e chimica adaptar em nosso proveito esta natureza indomavel, pela hygiene a modificar nosso organismo, o organismo de nossas mulheres, mãis das futuras gerações. Precisamos até, digamol-o sem rebuço, applicar a nossa raça o processo biologico de selecção artificial applicada nas outras especies.

Temos que vencer a acção continuada de um clima enervador, as tendencias conservadoras herdadas dos nossos avoengos, a nossa natural indolencia e preguiça.

Gerações de hoje, dizei-nos, não vos sentis orgulhosas de similhante missão? Este programma é digno de vosso futuro, adoptai-o, e tereis salvado o Brazil de uma senilidade prematura, tereis fundado tambem com vosso concurso a sciencia social.

*
* *

Este plano de regeneração social depende

para ser realisado, da collaboraçaõ effectiva da-
quella a quem, em nosso egoismo, nunca con-
templamos nas tentativas reorganisadoras, depende
da mulher. É verdade hoje banal, que o valor do
cidadão, para fallar a linguagem mathematica, é
funccão do valor da mulher que lhe deu a vida e
o educou. Este facto explica o nosso atrazo, a au-
sencia de qualidades que teriam impedido os males
que acima ennumeramos.

A mulher brasileira está em pleno fetichismo,
o seu debil cerebro não sobe além das explicações
desse periodo do desenvolvimento humano. Tem
ella por unica instrucção o cathecismo na infancia,
os romances na puberdade. Desconhece-se a si e
ao homem. De um sentimentalismo pobre, as
mais das vezes só consegue chegar até o namoro,
o esteril galanteio da sala ou da janella. Fraca
de corpo, como o é de espirito, sem sangue,
chlorotica, só é capaz de produzir gerações como
aquellas que nos trouxeram ás bordas do abysmo
em que estamos. Alimentando-se mal, ignorando
completamente os preceitos mais comesinhos da
boa hygiene, abusando do espartilho e das im-
posições da moda, tortura o organismo, condem-
nando a prole ás enfermidades do espirito e do
corpo.

As questões de interesse geral, ella não as
comprehende, vive em um mundo á parte, fóra da

circulação das idéas. Ignora o que seja a patria, a sciencia, a humanidade, não concebe o mundo em que gravita o homem, ente quasi mysterioso para ella, ou antes, do qual só conhece e aprecia o aspecto que apresenta quando se lhe aproxima, o aspecto da futilidade.

Ha poucos dias, para citar um exemplo, o *Atheneu Academico* celebrava uma sessão magna commemorativa de sua inauguração, nos salões do Club Mozart. O local estava cheio de pessoas de ambos os sexos. As moças occupando as primeiras fileiras ostentavam as suas toilettes e as suas graças. Como é de costume em taes festas, os oradores começaram as suas saudações, uns em nome de corporações que representavam, outros em nome proprio. Os primeiros discursos foram ouvidos com indifferença pelo bello sexo; os que se seguiram, porém, e que foram justamente os que mais feriram os nossos males, o lamentavel estado denossa patria, coincidiram com a impaciencia que começou de manifestar-se nessa bella porção do auditorio. Era de vêr como batiam impacientes com os mimosos pés no assoalho da sala, e como denotavam por graciosos tregeitos o enfado que aquillo lhes causava. Tinham, porém, uma razão poderosa para essas manifestações: depois da festa litteraria devia ter lugar um baile! A dança merecia-lhes mais attenção do que as justas apre-

hensões de corações patrióticos, sobre a sorte futura da patria, que é dellas tambem.

Apresentamos o facto, não para accusal-as, mas apenas para comprovar as nossas asserções. Culpal-as disso seria enorme injustiça, porquanto os verdadeiros culpados somos nós, que em vez de procurarmos reformar a educação da mulher, não fazemos sinão consagrar de novo a rotina.

*
* *

Os nossos costumes peioram ainda esta situação respectiva dos dous sexos. Educamos as nossas filhas como si não tivessem responsabilidade propria, em vez de confiar á sua dignidade a guarda de sua pureza, cercamol-as de precauções vexatorias annullando nellas até a noção da personalidade. D'ahi o acanhamento e *gaucherie* que distinguem as nossas patricias quando se acham em presença dos homens, d'ahi a transformação do casamento em uma loteria em que cada um compra o seu bilhete sem garantia nenhuma de tirar o premio.

Entraí em uma sala de nossa burguezia, vereis como os dous grupos se separam, de um lado as mulheres, de outro os homens, quando estes não fogem de todo para os corredores, sob o pretexto do charuto. São dous mundos distinctos que ehi estão, extranhos completamente um

ao outro, sem idéas communs, sem terem o que dizer-se.

Ao passo que educamos a mulher sem lhe offerecer o contacto espirital do futuro marido, consideramos a filha como pesada carga de que quanto antes nos devemos livrar *arranjando-lhe* um casamento. Muitas vezes chegamos até a humilhação para lhe dar um marido. Deste modo insolito constituimos a familia, consultando apenas as conveniencias do momento actual, sem nada prever ou prevenir.

Si o pudesse fazer, a mulher seria a primeira a protestar contra semelhantes costumes, que a rebaixam e aviltam. Ella, a pobresinha, não tem forças para tanto. Si alguma vez deixa ouvir um queixume, nós lhe promettemos um vestido ou um leque, e o sorriso encantador paira-lhe de novo nos labios. Não lhe reconhecemos o direito de instruir-se, de interessar-se pelo progresso do seu paiz, pelas idéas de seu marido. Só lhe concedemos a inspecção da cosinha e o lavar as crianças.

Ahi está o que é a mulher entre nós; podemos garantir que não ha visos de exaggeração no que dissemos; antes, pelo contrario, tememos que a pobreza natural das nossas tintas não accentúe bastante a verdade.



OBJECCÕES E RESPOSTAS ⁽¹⁾

Defender o positivismo das objecções dos adversarios que por ora se apresentam entre nós, é ainda tarefa que não póde intimidar a quem se sente pequeno diante de similhante philosophia. De feito, os que têm erguido a voz, com a pretensão de derrubar um monumento que por si só constitue a gloria deste seculo, mostram nos proprios ataques que ignoram a existencia do arsenal de defesa que o positivismo tem a seu dispôr para repellir sem custo arguições superficiaes e incompetentes. Assemelham-se ás crianças que, por ignorancia do perigo, folgam descuidadas no cairel de um precipicio. Sem educação scientifica que os preparasse para tal commettimento, espiritos viciados pelas fórmulas escolasticas e por uma philosophia bastarda que pretende consorciar o reinado das leis naturaes com as creações da theologia e da metaphysica, acreditam elles que com uma

(1) *Idéa*, numero de 1 de Setembro de 1875.

esteril verbosidade se destróe o que foi fundado á custa de muito estudo e excessiva contensão de espirito. E sinão vejamos.

Começam os adversarios do positivismo por uma insigne deslealdade philosophica. Proclamando que nas applicações de uma doutrina é que melhor se póde julgar de sua bondade, deixam de parte, mui de industria as primeiras obras de Augusto Comte e arremessam-se valentes contra as ultimas producções do mestre. Ora, aqui a victoria é tanto mais facil quanto é verdade que as armas são fornecidas pelos proprios discipulos, e dos mais eminentes, que não aceitaram taes consequencias. Littré, na França, Stuart Mill, na Inglaterra, provaram exuberantemente que o edificio politico e religioso de Comte fôra fructo de um desvio em sua direcção philosophica, desvio que se prende a uma modificação funcional do cerebro e cuja explicação, portanto, depende dos progressos da sciencia biologica. Basta esta consideração para mostrar evidentemente a incompetencia dos que, sem terem passado pelo severo regimen das sciencias positivas, se arvoram em adversarios de doutrinas que não podem abarcar.

Foi Tiberghien (*), professor de philosophia

(*) *Introduction à la philosophie*, introducção, pags. 18 e seguintes. Esta parte mereceu uma refutação na *Revista Positiva* de Littré, Janeiro e Fevereiro de 1868.

na universidade livre de Bruxellas, quem por este sophisma procurou refutar a philosophia positiva. Os adversarios a que respondemos não fizeram sinão repetir este systema de argumentação, e si Tiberghien foi pouco atilado em querer por este modo destruir uma doutrina poderosa, seus discipulos brazileiros menos criterio philosophico pamenteiam reproduzindo o manejo.

Quando uma doutrina ainda não é conhecida, como é o caso da philosophia positiva entre nós, é dar prova de pouca circumspecção começar por atacar os seus pontos fracos antes de deixar que a parte aproveitavel de similhante doutrina seja apreciada. Stuart Mill referindo-se aos que se occupam com Augusto Comte escreveu o seguinte periodo de inteira applicação aqui:

« Esses pensadores, diz elle, teriam commettido uma falta, si primeiramente se houvessem occupado em chamar a attenção sobre o que elles consideravam como erros na grande obra de Comte. Emquanto este não havia tomado no mundo do pensamento o lugar que lhe pertence, a questão importante era não critical-o, porém concorrer para tornal-o conhecido. Indicar os pontos vulneraveis aos que não conheciam, nem estavam em estado de conhecer a grandeza da obra, teria sido demorar indefinidamente a sua justa apreciação, sem que se pudesse allegar a necessidade de salvar algum inconveniente sério. » (*)

(*) *Auguste Comte et le Positivisme*, traducção franceza do Dr. Clemenceau, pag. 4.

Esta prudencia não a tiveram os nossos adversarios, que neste caso foram victimas de uma fraqueza muito commum em nosso paiz, vêr pelos olhos de outrem e julgar pela intelligencia alheia.

Quem é levado a estudar estas questões philosophicas tão sómente para obedecer a uma necessidade intellectual, com a imparcialidade de um puro amor á verdade, e não com o estímulo vaidoso de uma vã ostentação litteraria, não se louva tanto nas palavras de outrem e vai pelas proprias mãos verificar o asserto.

Comprehende-se, é verdade, que seis grossos volumes, que tanto são os do *Curso de Philosophia Positiva*, não possam ser facilmente lidos e meditados, principalmente quando logo no primeiro os espiritos alheios ás sciencias positivas encontram um escolho formidavel: a philosophia mathematica.

Mas nem por isso deixa de ser um dever rigoroso do critico o ir procurar o assumpto na propria obra que critica, a menos que não queira ser taxado de superficial e leviano.

Si depois de feito este exame nos demonstrassem que a politica e religião de Comte são realmente consequencias necessarias de sua philosophia, então sim, teria cabimento o systema de argumentação que censuramos em nossos adversarios, diremos mais, então sim, seria leal e franco.

A obra fundamental de Augusto Comte contém a philosophia de todas as sciencias abstractas, desde a mais simples, a mathematica, até a mais complicada, a sociologia.

Mathematica, astronomia, physica, chimica e biologia, eis as premissas de que a philosophia positiva é a conclusão.

Desconhecer as premissas, isto é, não poder pronunciar-se sobre o que ellas contêm ou não contêm, e querer decidir sobre a validade da conclusão, é simplesmente uma cegueira absurda.

Os adversarios brazileiros, infelizmente, perderam-se nesta senda.

A nossa resposta poderia terminar aqui e nada perderia de seu riger, mas não será inutil acompanhar ainda os inimigos gratuitos do positivismo.

Nas pessoas que só conhecem o systema de Comte de outiva e que nunca se deram ao trabalho de folhear a sua obra fundamental, é muito commum a opinião de que, em resumo, esse systema consiste em applicar a mathematica ás demais questões.

Este erro grosseiro foi agora reproduzido.

A origem de semelhante engano está no facto de ter sido Comte um mathematico: ignorando o mais concluem que a doutrina deve ser caracterizada pela invasão da mathematica no dominio das outras sciencias.

Esta prudencia não a tiveram os nossos adversarios, que neste caso foram victimas de uma fraqueza muito commum em nosso paiz, vêr pelos olhos de outrem e julgar pela intelligencia alheia.

Quem é levado a estudar estas questões philosophicas tão sómente para obedecer a uma necessidade intellectual, com a imparcialidade de um puro amor á verdade, e não com o estímulo vaidoso de uma vã ostentação litteraria, não se louva tanto nas palavras de outrem e vai pelas proprias mãos verificar o asserto.

Compreende-se, é verdade, que seis grossos volumes, que tanto são os do *Curso de Philosophia Positiva*, não possam ser facilmente lidos e meditados, principalmente quando logo no primeiro os espiritos alheios ás sciencias positivas encontram um escolho formidavel: a philosophia mathematica.

Mas nem por isso deixa de ser um dever rigoroso do critico o ir procurar o assumpto na propria obra que critica, a menos que não queira ser taxado de superficial e leviano.

Si depois de feito este exame nos demonstrassem que a politica e religião de Comte são realmente consequencias necessarias de sua philosophia, então sim, teria cabimento o systema de argumentação que censuramos em nossos adversarios, diremos mais, então sim, seria leal e franco.

A obra fundamental de Augusto Comte contém a philosophia de todas as sciencias abstractas, desde a mais simples, a mathematica, até a mais complicada, a sociologia.

Mathematica, astronomia, physica, chimica e biologia, eis as premissas de que a philosophia positiva é a conclusão.

Desconhecer as premissas, isto é, não poder pronunciar-se sobre o que ellas contêm ou não contêm, e querer decidir sobre a validade da conclusão, é simplesmente uma cegueira absurda.

Os adversarios brasileiros, infelizmente, perderam-se nesta senda.

A nossa resposta poderia terminar aqui e nada perderia de seu riger, mas não será inutil acompanhar ainda os inimigos gratuitos do positivismo.

Nas pessoas que só conhecem o systema de Comte de outiva e que nunca se deram ao trabalho de folhear a sua obra fundamental, é muito commum a opinião de que, em resumo, esse systema consiste em applicar a mathematica ás demais questões.

Este erro grosseiro foi agora reproduzido.

A origem de similhante engano está no facto de ter sido Comte um mathematico: ignorando o mais concluem que a doutrina deve ser caracterisada pela invasão da mathematica no dominio das outras sciencias.

É precisamente o contrario.

O maior inimigo da preponderancia dos geometras, quem determinou até onde podia o instrumento mathematico ser applicavel nas sciencias, foi Augusto Comte. Combateu sempre as tentativas que se fizeram em sentido contrario, e até fallou com o maior desprezo do calculo das probabilidades, applicado ás questões sociaes. (*)

Lembra-nos este juizo erroneo sobre a doutrina positivista, que um homem celebre, Guizot, e cuja autoridade foi aproveitada contra Comte, chama nas suas memorias a philosophia positiva de *materialismo mathematico*.

Quem quizer saber do fundamento de semelhante denominação, e os criticos têm tambem o dever de conhecer as obras dos collegas, bastará lêr as paginas inimitaveis de Littré, no seu livro, *Auguste Comte et la Philosophie Positive*. (**) Guizot porém, errava por um defeito de memoria, como está provado, (***) os adversarios brasileiros errarão porque?

Para criticar uma doutrina não basta prodi-

(*) *Cours de Philosophie Positive*, 3.^a edição, 2.^o volume, pags. 254 e 255.

(**) Pags. 215, 216, 217 e 218.

(***) Veja-se tambem sobre este assumpto na *Notice sur l'oeuvre et la vie d'Auguste Comte* pelo Dr. Robinet, as peças justificativas n. 6 bis. Leia-se tambem no *Diccionario Universal* de Larousse o artigo sob o titulo : *Auguste Comte*.

galisar-lhe epithetos com profusão que, si servem como recurso oratorio para arredondar a phrase, são impotentes para demonstrar e convencer. Analysar, comparar e deduzir, eis a marcha que deviam ter tomado os adversarios do positivismo. E já que estamos no capitulo dos epithetos não esqueçamos que os de materialista e atheista foram empregados para caracterisar a philosophia positiva.

O materialismo é um systema metaphysico como outro qualquer, que pretende explicar as causas dos phenomenos pela materia; o atheismo é um systema que pretende negar a existencia de Deus. Ora, o positivismo proclama que não nos é dado subir ás causas dos phenomenos, mas apenas estabelecer as suas relações de similhaça e successão, de onde decorrem as leis naturaes. Abandona o *porque* e limita-se ao *como*. Emquanto systema philosophico é pois adversario do materialismo porque é adversario de qualquer fórma da metaphysica. A philosophia positiva dizendo que as causas primeiras não são do nosso dominio, não nega nem affirma a existencia objectiva de Deus. Encontrando essa idéa na historia do espirito humano explica-a apenas como entidade subjectiva ou hypothese. O atheismo é uma negação, e a doutrina que adoptamos seria bem fraca si não tivesse outro apoio. Deus para o positivista é uma das formas do incognocivel.

Accusar pois a doutrina de Comte de materialismo e atheismo é ainda neste caso ignorar completamente o espirito dessa doutrina.

Já houve entre nós quem dissesse que Comte chamára a terceira phase intellectual da humanidade de phase do empirismo puro, e houve tambem quem achasse até paradoxal a reunião das duas palavras: philosopho positivo.

Á primeira accusação só se póde responder pedindo a indicação do topico do mestre onde tal asserção foi encontrada, o que será difficil.

Quanto ao pretendido paradoxo é força confessar que só se podia afigurar tal a um espirito victima de uma deploravel confusão.

Tomou-se a palavra positivismo na sua accepção vulgar e d'ahi concluíram por conta propria que o methodo proclamado por elle consistia em limitar-se ao facto sem conceder ao espirito a liberdade de subir do facto á lei, em resumo, identificaram outra vez a doutrina de Comte com o empirismo. E, julgando completar a destruição do positivismo, oppuzeram-lhe o methodo inductivo, cujas vantagens foram mostradas eloquentemente.

Ora, eis-ahi como, pelo simples facto de se não conhecer o que se critica, pensa-se destruir uma doutrina e, pelo contrario, sem o querer, faz-se a sua apologia.

O methodo inductivo não só é reconhecido pela

philosophia positiva mas a melhor exposição que se conhece de semelhante methodo é devido a um positivista. (*)

Agora duas citações do mestre : é a melhor resposta.

« Desde que a subordinação constante da imaginação á observação ha sido unanimemente reconhecida como a primeira condição fundamental de toda legitima especulação scientifica, uma viciosa interpretação tem levado frequentemente a abusar-se muito desse grande principio logico, para fazer degenerar a sciencia real em uma especie de esteril accumulção de factos incoherentes, que não poderiam offerecer outro merito essencial sinão o de uma exactidão parcial. Importa pois perceber bem que o verdadeiro espirito positivo não é menos afastado, no fundo, do empirismo que do mysticismo, etc. »

E mais adiante :

« É nas leis dos phenomenos que realmente consiste a sciencia á qual os factos propriamente ditos, por mais exactos e numerosos que possam ser, não fornecem nunca sinão materiaes indispensaveis. » (**)

Depois de se lêr estes trechos se poderá dizer ainda que a philosophia positiva é o empirismo e

(*) *A system of logic, ratiocinative and inductive*, by John Stuart Mill.—Não ignoro que em rigor o pensador inglez não pôde ser considerado discipulo de A. Comte, apesar de ter adoptado muitas idéas deste. Na questão, porém, dos methodos de investigação scientifica Stuart Mill é tão positivista como os discipulos de Comte.

(**) *Astronomie Populaire*, discours preliminaire, pag. 16.

que ha contradicção entre as duas palavras reunidas, philosopho positivo ?

Combater por este modo uma doutrina é facil e mais facil ainda defendêl-a de taes arguições.

Não ligamos, pois, nenhum motivo de desvanecimento á victoria que possamos obter dos nossos adversarios; antes, como discipulos, contrista-nos o vêr que todas as objecções que foram levantadas contra o positivismo são filhas da ignorancia em que se está de sua constituição philosophica.

A sociedade brasileira entrou apenas no periodo metaphysico ; o meio social está, pois, favoravel a elles e adverso a nós.

Quem tiver o prurido de fallar e fallar muito, character distinctivo dos que ainda estão sob o jugo da metaphysica, é apresentar-se e aproveitar a corrente.

Quem sabe a que summidades não será levado ?

Quanto a nós, que pela nossa doutrina sabemos que o desenvolvimento de uma sociedade é um phenomeno natural que tem sua marcha e sua lei, que o desenvolvimento do individuo é o mesmo que o da especie, esperamos confiados no futuro, porque possuímos uma arma que nunca foi vencida, a sciencia positiva, e só nos resta repetir com um dos nossos mestres :

« A função social da philosophia positiva é de recolher os

espíritos que diariamente escapam á theologia, de assegurar-lhes um modo de viver e de pensar que não vá de encontro ao progresso da sciencia, nem ao desenvolvimento da historia, e de ensinar que d'ora em diante o conjuncto systematico do saber humano é quanto basta para o governo intellectual e moral das sociedades. » (*)



(*) LITTRÉ. *Revue Politique et Litteraire*, 3 de Outubro de 1874.

QUESTÃO RELIGIOSA (*)

Com este titulo appareceu no *Globo* um notavel artigo sobre a questão que mais preoccupa hoje os pensadores de nosso paiz. Nada temos que oppôr ás considerações ahi apresentadas; estas linhas têm por fim unico salvar a responsabilidade que para nós possa resultar da interpretação falsa que o distincto escriptor emprestou a um dos trechos, que nos fez o favor de citar, da nossa *Chronica do Imperio*.

O trecho é o seguinte, a interpretação que nos foi emprestada vem entre parenthesis:

« Hoje um novo Colombo percorre as nações, offerecendo-lhes graciosamente um mundo de maiores esplendores do que as Indias do genovez; e como no passado, é ainda a igreja (*falseada como se acha por um papu que se diz infallivel e ousa convertel-a em instrumento de sua estúpida vaidade*), são os monarchas e os que os cercam de perto, os que desprezam e escarnecem do generoso offerecimento, etc. »

(*) Este artigo foi publicado no *Globo*, em resposta a outro em que o escriptor citando uns trechos da *Chronica do Imperio*, interpretava mal o espirito da doutrina que haviamos desenvolvido e que não era outro sinão o da philosophia positiva.

Esta falsa interpretação lamentamol-a tanto mais, quanto ella nos mostra que o autor do artigo parece não ter comprehendido, infelizmente, o espirito da doutrina philosophica que se patenteia em todas as paginas de nossa modesta publicação periodica.

Essa doutrina tem para primeira base a lei do desenvolvimento historico, descoberta por Augusto Comte, segundo a qual o espirito humano passa successivamente por tres estados philosophicos, primeiramente o theologico, depois o metaphysico e finalmente o positivo. O que sejam as tres philosophias ou modos de philosophar, que correspondem a estes tres estados, é inutil dizel-o aqui: no mesmo numero da *Chronica do Imperio*, onde o esclarecido escriptor foi buscar os trechos citados por elle, este assumpto se acha desenvolvido.

Para o caso vertente basta-nos enuncial-a afim de fazer dessa lei uma applicação conveniente, que mostrará a falsidade da interpretação que nos foi emprestada.

De feito, nas questões politico-sociaes (a questão religiosa, não ha negal-o, está neste numero), esses tres modos de philosophar se applicam tambem de um modo evidente. O theologo explica o desenvolvimento historico e as transformações politicas correspondentes, recorrendo a um ente

superior, a uma providencia infinita. Aceitando a revelação e as instituições que lhe são inherentes, nada admite que possa ir de encontro ao que elle julga verdade, e na sua coherencia será levado, se preciso fôr, a repellir com o ferro e o fogo, os que se erguerem contra seu Deus.

Todas as theologias apresentam este caracter geral, e delle não está isenta a igreja catholica. O desenvolvimento humano, porém, não podia parar ahi na verdade revelada, a duvida racional inaugurou no mundo a segunda época philosophica que nós chamamos idade metaphysica.

O espirito revolucionario caracteriza esta nova phase: protestantismo, deismo, pantheismo e materialismo, eis as suas diversas manifestações.

O dogma religioso viu-se atacado por esta legião de atletas, que em nome da razão lhe atiravam golpes certos e profundos. Emquanto este combate tinha lugar nas espheras superiores, nas inferiores, trabalhadores infatigaveis começavam de construir sobre bases solidas o mundo moderno que devia substituir o antigo.

A metaphysica não teve outro papel sinão criticar e destruir, preparando assim a victoria de outra philosophia, filha das sciencias positivas, relativa como estas, experimental como estas.

A metaphysica, em virtude de seu caracter

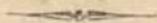
revolucionario, vê nas instituições que representam um estado social que já vai longe, uma corrupção, um desmentido ao principio dellas. Assim os metaphysicos não cessam de clamar contra o falseamento da igreja catholica, contra o esquecimento das doutrinas do Evangelho pelos instituidores dessa theologia.

É esta interpretação metaphysica que nos empresta o notavel escriptor a que respondemos, e que de modo nenhum podemos aceitar.

Para os positivistas, a igreja é hoje o que sempre foi, nós, ou antes, o genero humano é que ha mudado: a illusão da metaphysica resulta simplesmente de uma questão de movimento relativo.

Nós não acreditamos em um regresso ao christianismo primitivo, nem em uma conciliação da igreja com o espirito moderno. Ou sciencia ou theologia, é o dilema que se offerece á sociedade moderna.

A metaphysica representa apenas um estado provisório, só póde destruir, nada fundar.



AUGUSTO COMTE E O POSITIVISMO

Falla-se muito, entre nós, do positivismo. Data, porém, de pouco tempo a introdução da nova philosophia no meio intellectual de nosso paiz. A primeira manifestação do movimento que hoje parece irresistivel, foi a publicação do illustrado Sr. Dr. Barreto: *As tres philosophias*. Nesse tempo, porém, a philosophia positiva só era cultivada, e quasi em segredo, por dous ou tres mathematicos que, pelas necessidades de sua especialidade, tinham sido levados a estudar as produções de Augusto Comte. O livro, pois, cumpre confessal-o, passou despercebido, ou antes só mereceu um ataque estulto e isolado da ignorancia religiosa.

Presentemente as cousas mudaram. A reforma da Escola Central permittiu que um desses poucos espiritos a que acima nos referimos fizesse parte do corpo docente da nova escola e, entusiasta sincero e devotado da nova doutrina, procurasse renovar o ensino, á luz de seus principios. Por uma coincidencia feliz alguns moços, alumnos da mesma escola tinham ido tambem, nessa época

saciar nas obras de Augusto Comte a sêde de crenças que os devorava. Estes dous impulsos, o ensino desse orgão competente e a propaganda, si bem que limitada, destes ultimos, communicaram o movimento, e, como ao começar dissemos, falla-se muito hoje do positivismo entre nós.

Temos nós brasileiros, porém, que lutar contra dous defeitos essenciaes que constituem a feição predominante de nosso character. Somos muito faceis de ser arrastados pelo amor da novidade e muito preguiçosos para procurar em um estudo consciencioso e aturado o fundamento das novas opiniões que adoptamos.

Apresenta-se uma idéa nova: si consegue conquistar a adhesão de certa especie de individuos, eil-a do dia para a noite dominadora e passando a ser a doutrina da moda. Ninguem mais estuda, aprofunda o assumpto; é-se materialista ou positivista pela mesma razão porque adoptamos um traje.

Esses vicios começam já de patentear-se, em referencia ao positivismo. De um lado, um grande numero de adeptos faceis, sem consciencia da doutrina que dizem professar e gastando nisto todo o seu cabedal de rhetorica. Ha neste facto um perigo para a consolidação da philosophia positiva entre nós. As modas são ephemerass, e

nós não desejamos igual sorte á poderosa doutrina que está destinada a renovar o mundo.

Do outro lado, um pequeno numero de adversarios, que combatem sem saber o que combatem, que ignoram completamente a constituição interna da nova philosophia. Destes nada receiamos para o futuro do positivismo.

Podem esbravejar por ahí impunemente, que a discussão com elles torna-se até inutil quando não nociva.

Ha, porém. outro perigo, e este da maior gravidade, que póde ameaçar sériamente a nossa propaganda. Sabe-se que Augusto Comte no ultimo quartel da vida, pretendendo tirar as consequencias da sua philosophia, chegou a ser inventor de uma nova religião, á qual não falta nem um corpo sacerdotal, nem as ceremonias do culto externo.

Estas ultimas concepções do mestre provocaram uma scisão entre seus discipulos. O mais eminente de todos, Littré, foi o chefe do partido dissidente que não se podia resolver a cahir de novo no periodo theologico, depois de havel-o passado victoriosamente. Stuart Mill, na Inglaterra, que tambem aceitára as bases essenciaes do curso de *philosophia positiva*, separou-se tambem do novo *summo pontifice*, não podendo conciliar as premissas com as pretendidas consequencias

de Comte. Esta separação philosophica acha-se principalmente consignada e fundamentada em duas obras importantes destes dous pensadores: a de Littré, no seu livro *Auguste Comte et la philosophie positive*, e a de Stuart Mill em seu trabalho que tem por titulo *Auguste Comte and positivism*.

Pois bem, aqui entre nós dá-se o seguinte: os positivistas mais aptos, já pelo prestigio de seus nomes, já pela posição social que occupam, já pelas funcções didacticas que desempenham, para promover uma propaganda efficaz a favor dos novos principios, são todos do partido orthodoxo, isto é, acompanham Augusto Comte em suas ultimas concepções sociaes. Este facto nós o attribuímos a duas circumstancias, sendo a primeira a influencia que uma individualidade como a do fundador do positivismo costuma exercer em espiritos capazes de comprehender o devotamento do genio á causa da humanidade, e a segunda o desconhecerem elles as criticas de Littré e Stuart Mill á nova religião.

O obstaculo de maior monta para a aceitação do positivismo está precisamente nestas ultimas concepções de Comte. Tanto é assim, e tão fraco é este aspecto da doutrina relativamente á fortaleza inabalavel do outro, que os adversarios o escolhem sempre para alvo dos seus ataques. Póde ahí portanto ficar aberta uma brecha, a qual faci-

litando o assalto da theologia e da metaphysica, retarde consideravelmente a victoria da philosophia positiva entre nós.

Quem escreve estas linhas é um humilde positivista, mas não acompanha o mestre nas suas creações religiosas, é discipulo de Comte, recebeu, porém, a *Boa Nova* por intermedio de Littré, o apostolo mais eminente, o S. Paulo da philosophia positiva. Toma-se portanto de susto ao imaginar que a nossa mocidade que, como já dissemos, é facil de ser arrastada pela novidade de uma idéa e mais facil ainda em apregoar doutrinas sem aprofundal-as ; que a nossa mocidade possa ser fascinada pelo rosto angelico de *Clotilde de Vaux*, a Santa, a Nossa Senhora da nova religião e pelas narrações ingenuas e enthusiasticas de Robinet, o evangelista da igreja de Comte.

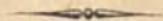
Ha muito nutriamos o desejo de chamar a attenção publica para este ponto ; escrupulos, porém, de correligionario, impediram de satisfazel-o. Neste interim, fomos observandó a aragem repentina e favoravel que bafejava a philosophia positiva, contamos o numero e pesamos as aptidões dos adeptos que acompanhavam Comte, como fundador de uma religião ; de modo que hoje, vista a emnencia do perigo, não é possivel mais guardar silencio, a não querer o naufragio da doutrina re-generadora.

É portanto urgente, em nossa opinião, a discussão e o exame destes pontos de divergencia. Só por estes meios poderemos salvar a pureza da philosophia positiva e augmentar as adhesões francas e conscientes.

A revolução, póde-se dizer, está feita na Escola Polytechnica, cumpre, porém, regularisal-a e evitar desvios; ella está por fazer-se ainda na Escola de Medicina, cujo concurso no ramo biologico, é indispensavel ao nosso triumpho. A igreja Comtista só poderá perder os fructos que se possam colher da primeira, só poderá impedir a segunda.

Estas apprehensões nos animam, apezar da nossa incompetencia, a dar o grito de alarma no campo dos positivistas brazileiros.

Este artigo não tem outro fim.



PHILOSOPHIA DO DESESPERO

O nome não me pertence; já o vi algures como denominação de uma doutrina que teve recentemente seu nascedouro na Allemanha e cujo autor, se me não falha a memoria, chama-se Hartmann. Ignoro, porém, o que pretende essa doutrina, qual o seu ponto de partida e o de chegada; nada li a este respeito. O que vou expôr, portanto, só terá talvez o nome de commum com a doutrina allemã.

A philosophia do desespero é, para mim, a conclusão final de todas as philosophias, a philosophia da philosophia. Representa ella a synthese de todos os conhecimentos humanos desde a mathematica até a sociologia, desde as theogonias antigas até a philosophia positiva. Finalmente, póde ser resumida na seguinte formula: o progresso da humanidade só póde ter um destino logico—a destruição da propria humanidade. Não se nega o progredir incessante do espirito humano, mostra-se apenas a unica applicação que elle póde ter.

A philosophia do desespero é filha da philosophia positiva, é conclusão de que esta é a premissa.

O desenvolvimento da humanidade na historia seguiu tres phases distinctas, porém, resultantes umas das outras, marcha esta descoberta pelo genio de Augusto Comte e conhecida pelos adeptos da escola positivista com o nome de lei dos tres estados.

No primeiro periodo de sua existencia foi o homem religioso ou theologo, explica a producção dos phenomenos pela intervenção intelligente de um ou mais entes superiores; no segundo abate com sua razão emancipada os dogmas e critica as theologias; no terceiro, é neste que nós estamos, contemplando as ruinas deixadas pelo genero humano em seu caminho convence-se que não lhe é dado abalançar-se á indagação da origem das cousas, sepulta a theologia ou religião, com as honras devidas, ri e moteja das construcções metaphysicas, e assim desamparado agarra-se com todas as forças de sua alma á sciencia—única taboa de salvação que lhe resta neste naufragio titanico de crenças.

Theologia, metaphysica e positivismo, eis as tres conclusões a que tem chegado o homem nos diversos periodos de seu desenvolvimento.

Falta, porém, ajuntar um termo, uma nova

conclusão, especie de epilogo sinistro, a phase final do desespero.

Neste periodo, o homem instruido pela philosophia positiva, da incapacidade das crencas religiosas e dos principios *á priori*, da relatividade dos nossos conhecimentos, da nossa impotencia para explicar os factos mais elementares de nossa organização, e a producção dos phenomenos que nos cercam, vendo em torno de si tudo abalado em seus alicerces, desde as relações sociaes mais simples—a familia, até ás concepções mais complicadas da politica e da moral, não podendo sequer definir o que seja o bem, o que seja o mal o homem, digo, sente então sobre sua cabeça, mais esmagador ainda, o peso do Mysterio, desse Mysterio que o acompanha desde o seu apparecimento neste planeta até hoje, desse terrivel X cuja explicação as religiões e as metaphysicas pretendiam offerecer-lhe e que a philosophia positiva affirma e demonstra que é indecifrável. Este estado é a quarta phase do desenvolvimento, o que eu chamo periodo philosophico do desespero.

Si a philosophia positiva, unica conclusão verdadeiramente scientifica e rigorosa dos conhecimentos humanos, demonstra assim a nossa pequenez e nossa miseria, servindo-se para isto dos proprios methodos scientificos, nada apresenta que nos engrandeça.

A sciencia humana resume-se no seguinte, e isto mesmo quanto a um pequeno numero de factos, porque a maior parte tem por character o imprevisto: saber que um facto segue ou precede outro.

A mathematica abstracta tem impossiveis para nós, a resolução das equações, que é o problema geral que ella se propõe, só pôde ser conseguida até as do 4.º gráo, d'ahi por diante a nossa impotencia é manifesta. A mathematica concreta está a cada passo em luta com a realidade efectiva dos phenomenos. A physica recorre ao ether e aos agentes imponderaveis para explicar os seus phenomenos e nada consegue explicar; a chimica moderna basêa-se toda em um absurdo—o atomo; a biologia compara os viventes mas não explica a vida; a sociologia debate-se no cháos.

Por toda a parte nos envolve o Mysterio. É o caso de repetir com Espronceda:

Que es el hombre? un mysterio.

Que es la vida? un mysterio tambien.

Ajuntai agora a todos estes resultados da philosophia moderna os desenganos da vida practica, as injustiças sociaes, o amor proprio de uns, a venalidade de outros, o desequilibrio de idéas, de sentimentos, a incerteza dos nossos juizos, as lutas indecentes do estomago contra o cerebro,

phenomenos estes que não são de hoje nem de hontem, mas que parecem constituir um resultado de nossa propria organização, sommai tudo isto, repito, e haveis de confessar que só resta á humanidade uma sahida: o suicidio systematico.

Não se admirem. O suicidio do individuo, quer resulte de uma causa pathologica cerebral, quer seja uma solução reflectida do problema de sua vida, representa sempre a mesma cousa: o esmagamento do homem pelo Mysterio, que, como o Protheu da fabula, reveste todas as fórmias para assedial-o, dar-lhe combate e matal-o.

Pois o que se diz do individuo póde dizer-se da especie; esta, esmagada tambem pelo Mysterio, cuja percepção para ser clara, e portanto, mais esmagadora, carece das luzes da philosophia positiva, isto é, do concurso de todas as sciencias, acabará por applicar todo este cabedal scientifico na sua propria destruição, suicidar-se-ha.

Ha, portanto, para o homem, um periodo em que a vida é um mal, periodo este que, como já vimos, é definitivo no desenvolvimento humano e suppõe uma preparação scientifica completa; ha tambem para a humanidade uma phase correspondente que cóstitue o epilogo logico, e scientificamente deduzido, de sua existencia.

A philosophia positiva representa a ultima conclusão scientifica, a philosophia do desespero

é a conclusão da conclusão. Aquella é uma convicção negativa, esta é apta para transformar-se em um acto que d'ahi resulta: o suicídio colectivo. Buddha teve disto uma intuição admiravel quando apresentou como ideal de sua religião o aniquilamento, a absorpção no grande meio, que é o nome que elle dá ao *Mysterio*.

A philosophia do desespero, porém, não se contenta em affirmar-o, com os resultados scientificos mais concludentes—positivismo—demonstra que o unico bem está ahí, na morte.

Tudo ignoramos. Achamo-nos sobre um planeta e ignoramos o que elle seja, como se formou, como appareceu no espaço (*), nos sentimos a nós mesmos e ignoramos nossa origem, o modo porque tambem apparecemos n'este mundo desconhecido (**).

A religião boa para a infancia dos povos já não nos serve, a metaphysica, distracção e enthusiasmo de nossa adolescencia, só consegue hoje

(*) A cosmogonia de Laplace, fundada na fluidez primitiva do globo terraqueo e a theoria do fogo central, que ainda hoje dominam em todos os livros do ensino scientifico, estão por terra. Veja-se a obra do illustrado *Visconde do Rio Grande*. O que se inventará agora?

(**) A theoria de *Darwin*, indubitavelmente a que reune hoje mais probabilidades scientificas, esbarra necessariamente na cellula. Ahi ou voltamos á intervenção divina, que já não tem razão de ser na sciencia, ou appellamos para um impossivel indemonstravel explicando a vida unicamente com os phenomenos physicos como querem os materialistas.

um sorriso semelhante ao que apparece nos labios do velho ao recordar suas aventuras de moço; só resta a sciencia positiva, mas esta mesmo é mais um attestado da nossa pequenez e miseria, da existencia desse *Mysterio* que nos esmaga.

Viver sem saber porque se vive, tendo a certeza scientifica de que nunca poderemos saber este porque, é uma posição insustentavel.

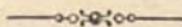
A humanidade chegará necessariamente a este periodo e procurará então a sua salvação no aniquillamento.

NOTA.—De todos os artigos que compoem o presente volume nenhum carece tanto de explicação como este. Constituindo uma verdadeira aberração mental e um formal desmentido á efficacia social e privada do positivismo, parece descabida a sua inserção em um livrinho que pretende consignar a verdade da philosophia positiva. E com effeito assim seria, si me não julgasse obrigado a não excluil-o desta collecção, pelo mesmo motivo porque fui levado a escrevel-o. Quiz mostrar por um exemplo o vazio em que se faz funcionar a logica, quando esta não toma para criterio um dado experimental. A deducção neste caso pode ser levada muito longe mas afasta-nos cada vez mais da realidade, porque falta-lhe a verificação da experiencia.

Toda a metaphysica está ahi.

INDICE

Advertencia	7
O nosso idéal politico.....	9
O Ensino publico.....	21
A Monarchia constitucional.....	47
As tres philosophias.....	57
A Escola Polytechnica (I, II, III, IV, V, VI, VII).....	61
O nosso estado actual e a mulher.....	123
Objecções e Respostas.....	133
Questão Religiosa.....	145
Augusto Comte e o positivismo.....	149
Philosophia do desespero.....	155



APPENDICE

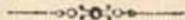


CALENDARIO POSITIVISTA

ORGANISADO POR

AUGUSTO COMTE

Para substituir o calendario catholico



OBSERVAÇÃO

Incluimos aqui este calendario porque achamos que encerra uma idéa boa e conveniente. Escusado, porém, é dizer que não lhe ligamos a importancia *religiosa* que lhe emprestou o proprio Comte e que lhe continuam a dar seus discipulos religiosos.

Para nós, o calendario que ahi está representa uma idéa aproveitavel, mas de maneira nenhuma definitiva na forma que lhe deu Comte. Esta forma é susceptivel de critica e de maiores perfeições.

M. L.



1

MOYSÉS

A THEOCRACIA INICIAL

- | | | |
|---|----------------|------------------|
| 1 | Prometheu..... | <i>Cadmo.</i> |
| 2 | Hercules..... | <i>Theseu.</i> |
| 3 | Orpheu..... | <i>Tiresias.</i> |
| 4 | Ulysses. | |
| 5 | Licurgo. | |
| 6 | Romulo. | |
| 7 | NUMA. | |

- | | | |
|----|-----------------|-------------------|
| 8 | Belus..... | <i>Semiramis.</i> |
| 9 | Sesostris. | |
| 10 | Manú. | |
| 11 | Cyro. | |
| 12 | Zoroastro. | |
| 13 | Os Druidas..... | <i>Ossian.</i> |
| 14 | BUDDHA. | |

- | | | |
|----|-------------------------|-------------------|
| 15 | Fo-Hi | |
| 16 | Lau-Tseu. | |
| 17 | Meng-Tseu. | |
| 18 | Os theocratas do Tibet. | |
| 19 | Os theocratas do Japão. | |
| 20 | Manco-Capac..... | <i>Tamehamea.</i> |
| 21 | CONFUCIO. | |

- | | | |
|----|-----------------------|----------------------|
| 22 | Abrahão..... | <i>José.</i> |
| 23 | Samuel. | |
| 24 | Salomão. | <i>David.</i> |
| 25 | Isaias | |
| 26 | S. João Baptista. | |
| 27 | Harum-al-Raschid..... | <i>Abderama III.</i> |
| 28 | MAHOMET. | |

2

HOMERO

A POESIA ANTIGA

- | | | |
|---|-----------------|-------------------|
| 1 | Hesiodo. | |
| 2 | Tirteo | <i>Sapho.</i> |
| 3 | Anacreonte. | |
| 4 | Pindaro. | |
| 5 | Sophocles | <i>Euripides.</i> |
| 6 | Theocrito | <i>Longus.</i> |
| 7 | ESCHYLO. | |

- | | | |
|----|-------------|--|
| 8 | Scopas. | |
| 9 | Zeuxis. | |
| 10 | Ictinus. | |
| 11 | Praxiteles. | |
| 12 | Lysippo. | |
| 13 | Apelles. | |
| 14 | PHIDIAS. | |

- | | | |
|----|----------------|------------------|
| 15 | Esopo | <i>Pilpai.</i> |
| 16 | Plauto. | |
| 17 | Terencio | <i>Menandro.</i> |
| 18 | Phedro. | |
| 19 | Juvenal. | |
| 20 | Luciano. | |
| 21 | ARISTOPHANES. | |

- | | | |
|----|-----------|--|
| 22 | Ennio. | |
| 23 | Lucrecio. | |
| 24 | Horacio. | |
| 25 | Tibullo. | |
| 26 | Ovidio. | |
| 27 | Lucano. | |
| 28 | VIRGILIO. | |

ARISTOTELES

A PHILOSOPHIA ANTIGA

- | | |
|----|---------------------------------------|
| 1 | Anaximandro. |
| 2 | Anaximenes. |
| 3 | Heraclito. |
| 4 | Anaxagoras. |
| 5 | Democrito..... <i>Leucippo.</i> |
| 6 | Herodoto. |
| 7 | THALES. |
| 8 | Solon. |
| 9 | Xenophanes. |
| 10 | Empedocles. |
| 11 | Thucydides. |
| 12 | Archytas..... <i>Philolau.</i> |
| 13 | Apollonio de Tyane. |
| 14 | PYTHAGORAS. |
| 15 | Aristippo. |
| 16 | Antisthenes. |
| 17 | Zeno. |
| 18 | Cicero..... <i>Plinio, o moço.</i> |
| 19 | Epicteto..... <i>Arriano.</i> |
| 20 | Tacito. |
| 21 | SOCRATES. |
| 22 | Xenocrates. |
| 23 | Philon de Alexandria. |
| 24 | São João Evangelista. |
| 25 | São Justino..... <i>Santo Ireneu.</i> |
| 26 | São Clemente de Alexandria. |
| 27 | Origenes..... <i>Tertulliano.</i> |
| 28 | PLATÃO. |

ARCHIMEDES

A SCIENCIA ANTIGA

1	Theophrasto.
2	Herophilo.
3	Erasistrato.
4	Ceiso.
5	Galenno.
6	Avicenna..... <i>Averroes.</i>
7	HYPOCRATES.

8	Euclides.
9	Aristeu.
10	Theodosio de Bythinia.
11	Heron..... <i>Otesibus.</i>
12	Pappus.
13	Diophante.
14	APPOLLONIO.

15	Eudoxio..... <i>Aratus.</i>
16	Pytheas..... <i>Nearco.</i>
17	Aristarco..... <i>Berosé.</i>
18	Eratosthenes..... <i>Sosigenes.</i>
19	Ptolomeo.
20	Albategnius..... <i>Nassir-Eddin.</i>
21	HIPPARCO.

22	Varro.
23	Columelle.
24	Vitruvio.
25	Strabon.
26	Frontin.
27	Plutarco.
28	PLINIO O VELHO.

CEZAR

A CIVILISAÇÃO MILITAR

- | | | |
|---|---------------|---------------------|
| 1 | Milciades. | |
| 2 | Leonidas. | |
| 3 | Aristides. | |
| 4 | Cimon. | |
| 5 | Xenophonte. | |
| 6 | Phocion..... | <i>Epaminondas.</i> |
| 7 | THEMISTOCLES. | |

- | | | |
|----|-----------------|--|
| 8 | Pericles. | |
| 9 | Philippe. | |
| 10 | Demosthenes. | |
| 11 | Ptolomeo Lagus. | |
| 12 | Philopœmen. | |
| 13 | Polybo. | |
| 14 | ALEXANDRE. | |

- | | | |
|----|---------------|--------------------|
| 15 | Junio Bruto. | |
| 16 | Camillo..... | <i>Cincinato.</i> |
| 17 | Fabricio..... | <i>Regulo.</i> |
| 18 | Annibal. | |
| 19 | Paulo Emilio. | |
| 20 | Mario..... | <i>Os Grachos.</i> |
| 21 | SCIPIÃO. | |

- | | | |
|----|-----------------------|-----------------------|
| 22 | Augusto..... | <i>Mecenas.</i> |
| 23 | Vespasiano..... | <i>Tito.</i> |
| 24 | Adriano..... | <i>Nerva.</i> |
| 25 | Antonino..... | <i>Marco Aurelio.</i> |
| 26 | Papiniano..... | <i>Ulpiano.</i> |
| 27 | Alexandre Severo..... | <i>Aecio.</i> |
| 28 | TRAJANO. | |

6

S. PAULO

O CATHOLICISMO

1	São Lucas.....	<i>São Diogo.</i>
2	São Cypriano.	
3	Santo Athanasio.	
4	São Jeronymo.	
5	Santo Ambrosio.	
6	Santa Monica.	
7	SANTO AGOSTINHO.	

8	Constantino.	
9	Theodosio.	
10	São Chrysostomo.....	<i>São Basilio.</i>
11	Santa Pulcheria.....	<i>Marciano.</i>
12	Santa Genoveva de Paris.	
13	São Gregorio o Grande.	
14	HILDEBRANDO.	

15	São Benedicto.....	<i>Santo Antonio.</i>
16	São Bonifacio.....	<i>Santo Austino.</i>
17	Santo Isidorio de Sevilha.....	<i>São Bruno.</i>
18	Lanfranc.....	<i>Santo Anselmo.</i>
19	Heloisa.....	<i>Beatriz.</i>
20	Os architectos da idade média.....	<i>São Benezet.</i>
21	SÃO BERNARDO.	

22	São Francisco Xavier.....	<i>Ignacio de Loyola.</i>
23	São Carlos-Borromeu.....	<i>Fred. Borromeu.</i>
24	Santa Thereza.....	<i>Santa Catharina de Sienne.</i>
25	São Vicente de Paula.....	<i>O padre L'Epée.</i>
26	Bourdaloue.....	<i>Claudio Fleury.</i>
27	W. Penn.....	<i>G. Fox.</i>
28	BOSSUET.	

7

CARLOS MAGNO

A CIVILISAÇÃO FEUDAL

- | | |
|---|--|
| 1 | Theodorico o'Grande |
| 2 | Pelagio |
| 3 | Othão o Grande..... <i>Henrique o Passarinheiro.</i> |
| 4 | Santo Henrique |
| 5 | Villiers..... <i>La Vallete.</i> |
| 6 | D. João de Lepanto..... <i>João Sobieski.</i> |
| 7 | ALFREDO |

- | | |
|----|-------------------------------------|
| 8 | Carlos Martel |
| 9 | O Cid..... <i>Tancredo.</i> |
| 10 | Ricardo..... <i>Saladino.</i> |
| 11 | Joanna d'Arco..... <i>Marina.</i> |
| 12 | Albuquerque..... <i>W. Raleigh.</i> |
| 13 | Bayard |
| 14 | GODOFREDO |

- | | |
|----|--|
| 15 | São Leão o Grande..... <i>Leão IV.</i> |
| 16 | Gerbert..... <i>P. Damien.</i> |
| 17 | Pedro o Eremita |
| 18 | Suger..... <i>Santo Eloy.</i> |
| 19 | Alexandre III..... <i>Thomas Becket.</i> |
| 20 | São Francisco de Assis..... <i>São Domingos.</i> |
| 21 | INNOCENCIO III |

- | | |
|----|---|
| 22 | Santa Clotilde |
| 23 | Santa Bathilde..... <i>Santa Mathilde de Toscana.</i> |
| 24 | Santo Estevão de Hungria..... <i>Mat. Corvin.</i> |
| 25 | Santa Izabel de Hungria |
| 26 | Branca de Castella |
| 27 | São Fernando III..... <i>Affonso X.</i> |
| 28 | SÃO LUIZ |

20

S

DANTE

A EPOPEA MODERNA

1	Os Trovadores	
2	Bocacio.....	<i>Chancer.</i>
3	Rabelais.....	<i>Swift.</i>
4	Cervantes	
5	Lafontaine.....	<i>Roberto Burns.</i>
6	Foë.....	<i>Goldsmith.</i>
7	ARIOSTO	
8	Leonardo de Vinci.....	<i>O Ticiano.</i>
9	Miguel Angelo.....	<i>Paulo Veronese.</i>
10	Holbeint.....	<i>Rembrandt.</i>
11	Poussin.....	<i>Lesueur.</i>
12	Velasquez.....	<i>Murillo.</i>
13	Teniers.....	<i>Rubens.</i>
14	RAPHAEL	
15	Froissart.....	<i>Joinville.</i>
16	Camões.....	<i>Spenser.</i>
17	Os Romanceiros hespanhoes	
18	Chateaubriand	
19	Walter-Scott.....	<i>Cooper.</i>
20	Manzoni	
21	TASSO	
22	Petrarca	
23	Thomas Kempis.....	<i>Luiz de Granada e Bunnuan.</i>
24	M. ^{me} de Lafayette.....	<i>M.^{me} de Stael.</i>
25	Fenelon.....	<i>São Francisco de Salles.</i>
26	Klopstock.....	<i>Gessner.</i>
27	Byron.....	<i>Elisa Mercœur e Shelley.</i>
28	MILTON	